



Universidade Federal do Amazonas
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação
Departamento de Apoio à Pesquisa
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica



“De onde você é?” – Trocas Culturais em Albergues em Manaus – AM

Bolsista: Paulo Rodrigo de Sousa Santos

Manaus

2013

Universidade Federal do Amazonas
Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação
Departamento de Apoio à Pesquisa
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica



Relatório Final
PIB-H/0009/2012

“De onde você é?” – Trocas Culturais em Albergues

Bolsista: Paulo Rodrigo de Sousa Santos – CNPq
Orientador: Prof^a Dr^a Ivani Ferreira Faria

Manaus

2013

Agradecimentos

Aos meus pais;

À minha orientadora Prof^a Dr^a Ivani Ferreira de Faria;

A minha amiga de todos os tempos Juliana Araújo por seu empenho e ajuda na elaboração e conclusão desse projeto de pesquisa;

A Thaís Queiroz que me ajudou nas traduções, entrevistas e sempre disposta a ir ao centro da cidade no calor de Manaus; nossas conversas e aprendizagem mútua que tivemos em pesquisa de campo;

A Tayane Menezes, Dib Mady amigos que compartilham as mesmas pressões da pesquisa;

A Maycon Freitas que ajudou na tradução de vários textos e entrevistas e sempre se mostrou disponível;

Ao Rodrigo por me ajudar na organização de dados;

Aos amigos Álvaro Jardel, Alex, Iza, Walter, João Paulo, Lustosa e tantos outros que cometo o erro de omitir, meus sinceros agradecimentos;

E por último, mas não menos importante, aos proprietários dos albergues que tiveram muita paciência durante esse ano de pesquisa, meus sinceros agradecimentos.

Resumo

O turismo há muito tempo tem se destacado em dois campos: o da indústria do turismo e da satisfação pessoal de quem viaja. Esses campos andam juntos, e criam estilos de vida para os próprios viajantes. Um desses estilos é o mochileiro, que por sua vez, tem a sua filosofia ligada a movimentos dos anos 60 como a geração *beat* e um dos locais que podemos encontrar esses mochileiros são os albergues. Os albergues são estadias de custo baixo e que oferecem acomodações básicas para esses viajantes, contudo, atualmente há uma mudança desse cenário alberguista já pessoas que realizam concursos em outras cidades utilizam os albergues como hospedagem. Por conta da sua estrutura os albergues facilitam a conversação, a interação entre os hóspedes, ao contrário dos hotéis que contam com poucos espaços comuns. E por conta dessa interação maior entre hóspedes, as trocas culturais/simbólicas são maiores e socializadoras. A pesquisa se deu em três albergues na cidade de Manaus, sendo eles: o Manaus Hostel, Hostel Manaus e Gol Backpackers; onde se pode observar os mais diversos comportamentos e também problemas relativos ao turismo no Estado do Amazonas e no Brasil. As divergências entre culturas, a experiência, filosofia fazem do albergue um lugar de investigação sobre as diversas formas de aprendizagem no mundo atual.

Palavras-Chave: Turismo, Albergues, Backpackers, Trocas Culturais, Manaus, Hospedagem.

Lista de Figuras

Figura 1: Esquema das trocas e filosofia alberguista	35
Figura 2: Esquema das Trocas Culturais entre os hóspedes	39
Figura 3: Fachada do Hostel Manaus com alguns hóspedes	42
Figura 4: A proprietária Paula Pereira atendendo hóspedes	44
Figura 5: Fachada do Manaus Hostel	45
Figura 6: Morador da Reserva do Rio Juma em Canoa	47

Lista de Tabelas

Tabela 1: Hospedagem de hóspedes do sexo masculino e feminino em Manaus Hostel	53
Tabela 2: Tabela de Frequência de idade dos hóspedes	59

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Gênero dos hóspedes	53
Gráfico 2: Hospedagem no mês de Agosto 2012	55
Gráfico 3: Hospedagem no mês de Setembro 2012	56
Gráfico 4: Hospedagem no mês de Outubro 2012	56
Gráfico 5: Hospedagem no mês de Novembro 2012	57
Gráfico 6: Hospedagem no mês de Dezembro 2012	57
Gráfico 7: Hospedagem no mês de Janeiro 2013	58
Gráfico 8: Hospedagem no mês de Fevereiro 2013	58
Gráfico 9: Hospedagem no mês de Março	59

Sumário

1. INTRODUÇÃO	09
1.1 Metodologia	13
1.1.2 Etnografia	14
1.1.3 Entrevista Semiestruturada	15
1.1.4 Artesanato Intelectual	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 Turismo	16
2.1.1 Turismo Alternativo	17
2.2 Albergues	19
2.2.1 Albergues no Brasil	20
2.3 Cultura Material e Imaterial	20
2.3.1 Cultura Material	22
2.4 Trocas Culturais	23
2.5 Mochileiros (ou <i>Backpackers</i>)	25
3. Resultados Preliminares	28
3.1 Primeiras Impressões: Um estranho no ninho	28
Capítulo I – As Trocas Culturais e a Motivação <i>Backpackers</i>	31
4. UM EXPERIMENTO DIFERENTE: O TATO DA CULTURA	32
4.1 A liberdade como potência para o conhecimento	33
4.2 A simbiose perfeita: a filosofia alberguista e mochileiro	36
4.3 Das trocas culturais e a sua operação socializadora	37
Capítulo II – Filosofia Antiga, História Nova	40
5. A HISTÓRIA DOS ALBERGUES	41
5.1 Um <i>green card</i> para a Amazônia – Hostel Manaus	41
5.2 Um albergue familiar	43
5.3 A visão de quem vende o exótico amazônico: entrevista com uma agência de turismo	46
5.4 O lado governamental: o desconhecimento dos albergues	49

Sumário

5.5 Gol Backpackers	51
Capítulo III – dos Fluxos	52
6. AS IDAS E VINDAS	53
7. PARA NÃO CONCLUIR	61
8. REFERÊNCIAS	62

Os homens são seres condicionados, porque tudo aquilo com que eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência.

Hannah Arendt.

Introdução

Se o *habitus* que Pierre Bourdieu incansavelmente defendeu é imprescindível para qualquer cientista social para realizar a pesquisa; julgo que a escolha desse tema de trabalho que apresentarei agora é fruto de puro *habitus* e *campus*. Em todas as viagens que fiz sempre gostei e preferi ficar em albergues e isso se dá por vários motivos: custo/benefício, aprendizagem, pessoas, localização etc. E o costume aliado à questão de *habitus* propiciou o surgimento de uma pesquisa sobre albergues e de algo tão comum para os cientistas sociais: as trocas culturais, simbólicas e econômicas entre pessoas num mesmo ambiente. Em primeiro lugar, é perceptível que ao chegar a um albergue (seja lá onde for) há um fator de solidariedade entre as pessoas e de exposição (ao conhecimento), animação, descontração e intimidade. Ao que parece, o espaço do albergue torna-se algo de outra dimensão, onde praticamente não há regras (além daquelas do convívio do próprio ser social onde já está há muito tempo consolidadas na estrutura do inconsciente) e que todos respeitam a cultura de cada um e ao mesmo tempo transmitem a sua cultura por meio de danças, gestos, palavras etc. Em segundo, os albergues conseguem atrair pessoas que estão dispostas a saber mais, conhecer mais, e que viajam a todo mundo procurando novos tipos de conhecimentos, ver novos lugares, aprender com o próximo.

Quando se hospeda em albergues, a consciência de que é preciso deixar todos os tipos de pré-conceito é praticamente imposta. E a minha experiência de captar, transmitir e ver as trocas simbólicas que giram em torno das pessoas me ajudou a formular um trabalho da própria experiência vivida. O presente trabalho tem como objetivo principal analisar essas trocas simbólicas que são invisíveis, porém, sentidas por cada hospede. Certamente, as trocas simbólicas são um dos momentos mais interessantes de se analisar, já que todos tem a tríplice obrigação de *dar, receber e retribuir*¹. Essa obrigação tem como pano de fundo a maneira que os hóspedes convivem um com o outro, pois como ambiente é compartilhado, seja por conta dos quartos, cozinha, sala, o conhecimento de cada um e a visão de ambos para com a cultura do outro e a sua própria, fazem

¹ A tríplice obrigação de dar, receber e retribuir de Marcel Mauss em Ensaio Sobre a Dádiva. Mauss defende que nas sociedades consideradas arcaicas as trocas e os contratos se realizam em formas de presentes, que são obrigatoriamente dados e retribuídos. (MAUSS, 2011)

com que eles próprios representem a sua cultura e tendem a conversar, trocar informações, presentes, ou seja, o dom.

Alain Caillé em seu livro *Antropologia do Dom* nos dá um conceito sociológico de dom “*toda prestação de serviços ou de bens efetuada sem garantia de retribuição, com intuito de criar, manter ou reconstruir o vínculo social*” (CAILLÉ, 2002, p.142) logo, as trocas simbólicas são feitas por meio da dádiva, ou dom, como algo obrigatório para reconstrução de vínculos.

Há várias discussões do que é turismo. É certo que o turismo no Brasil é rentável.

Segundo o Anuário Estatístico de Turismo de 2009, cerca de 5.050.099 turistas estrangeiros passaram pelas terras brasileiras, sendo que 34.574 turistas visitaram o Estado do Amazonas. Sendo que quase todos os turistas tiveram acesso ao Estado pela Colômbia ou por via aérea (a mais comum segundo o plano). Segundo o Plano Plurianual do Ministério do Turismo de 2011 as principais políticas públicas para o turismo brasileiro seriam:

1) “Desenvolver o produto turístico brasileiro com qualidade, contemplando nossas diversidades regionais, culturais e naturais” para o objetivo de governo “promover o crescimento econômico ambientalmente sustentável, com geração de empregos e distribuição de renda”; 2) “Promover o turismo como um fator de inclusão social, por meio da geração de trabalho e renda pela inclusão da atividade na pauta de consumo de todos os brasileiros” para o objetivo de governo “promover a inclusão social e a redução das desigualdades”; e 3) “fomentar a competitividade do produto turístico brasileiro no mercado internacional e atrair divisas para o país”, para contribuir no objetivo “promover o crescimento econômico ambientalmente sustentável, com geração de empregos e distribuição de renda” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2011).

Essas políticas públicas serviriam para todos os tipos de turismo, desde o turismo com a “mão invisível”² até o chamado turismo cultural³. Manaus como ponto de difusão da cultura amazônica por conta da sua proximidade com a floresta e os recursos naturais que a cercam está situada entre os dois turismos que está tanto presente em hotéis quanto em albergues. A presente pesquisa, também tem por propósito analisar: Se os alberguistas que são conhecidos como pessoas que costumam seguir a uma filosofia *On The Road*⁴ de não seguir trajetos fixos e de sair do plano das agências de turismo; como hoje eles são alvos também da mesma força da mão invisível que

² Chamo aqui o turismo da “mão invisível” aquele que é totalmente controlado pelas agências de turismo. Onde há planejamento de viagens, voos, passeios, onde o turista acaba perdendo a noção do tempo espaço da cidade, sendo forçado a ver para onde as agências de turismo ordenam.

³ Há vários conceitos de Turismo Cultural atualmente. Porém, a definição aqui seria a de Just Krippendorf em seu livro *Sociologia do Turismo*. Segundo Krippendorf esse turismo desencadeia um processo civilizador, de aprendizagem, de continuidade, que modifica nossos comportamentos, atitudes ou até mesmo a sociedade.

⁴ Jack Kerouac, *On The Road*.

controla o turismo de massa? Será eles próprios também fatores de um turismo que ao mesmo tempo em que conhece, preserva, também abre portas para outro tipo de turismo destruidor?

A cidade de Manaus tem alto potencial para desenvolver esse tipo de turismo. Segundo Krippendorf o turismo alternativo pode ser definido como

Agir diferentemente das outras pessoas, ficar fora das veredas batidas pelo turismo. Se possível, ir a lugares inexplorados até então. Ou, ainda, fazer algo de muito fora de comum, onde se viva uma verdadeira aventura longe da civilização. Ademais, os turistas alternativos querem ter mais contato com os nativos, alojar-se de acordo com os hábitos locais e utilizar os meios de transporte público do país. Procuram também se informar antes e durante a viagem, que empreendem sozinhos ou em pequenos grupos (KRIPPENDORF, 1989, p.77).

Esse turismo que se fortalece por conta dos albergues e mochileiros também pode ser prejudicial a partir do momento que os nativos acabam entrando em contato com o sistema capitalista pela influência das agências de turismo que estão cada vez mais inclusas dentro do turismo alternativo. Fator esse que se deve principalmente por conta do exótico amazônico etc. (algo que será aprofundado no decorrer deste relatório).

Então, como os albergues têm sua formação? Quais seriam os motivos das pessoas visitarem a cidade de Manaus? São perguntas que anexadas ao aporte teórico desse trabalho, serão respondidas. Para que sejam respondidas, é necessário que haja uma metodologia.

A etnografia há muito tempo tem auxiliado os pesquisadores a entender como o ser humano está integrado com a sua cultura, ora, se um dos problemas principais do trabalho é entender as trocas simbólicas; nada melhor do que escolher a etnografia como instrumento para analisar a realidade, e das trocas simbólicas que acontecem nesses albergues. Contudo, a etnografia que se segue será permeada de reflexões de outros pensadores; penso, que a etnografia como descrição densa (defendida por Geertz) não é válida sem reflexões que cheguem a uma conclusão, foi-se o tempo que a etnografia era um objeto para satisfazer curiosos fatos de algumas sociedades. Sendo assim, o trabalho será praticamente escrito em primeira pessoa, em tom pessoal, descritivo.

É imprescindível captar a essência psicológica, filosófica das pessoas que se hospedam em albergues. Como se comportam como turistas? Reconhecem-se como alberguistas, turistas, mochileiros? Erving Goffman chama atenção para as representações cotidianas dos indivíduos, em *Representações do Eu na Vida Cotidiana*, ele aborda a questão da representação como “*atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular*” e posteriormente Goffman faz a análise de fachada que é complementar à representação “*fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou*

inconscientemente empregado pelo individuo...” (GOFFMAN, 2003); seriam então turistas, alberguistas, mochileiros? Com que tipo de fachada ou representação cada um se comporta? Com a modernidade líquida⁵ na qual estamos sujeitos; é de pensar o motivo das viagens, e das formações de novos tipos de espaços que turistas fabricam a todo o momento.

Delimitando-se na cidade de Manaus, e nos albergues que aqui existem, e juntamente com o alicerce teórico desenvolvido, proponho os seguintes objetivos para o trabalho: Objetivo Geral: Compreender as trocas culturais existentes nos albergues da cidade de Manaus. Objetivos Específicos: Investigar as trocas culturais entre os hospedes dos albergues em estudo. Resgatar a história dos albergues existentes na cidade de Manaus. Analisar o fluxo e a origem dos hospedes dos albergues. Identificar os propósitos e motivos da escolha por Manaus.

⁵ Modernidade Líquida é um conceito criado pelo sociólogo Zygmunt Bauman. Bauman se inspira na ideia de que tudo é volátil, até mesmo as relações. Pela famosa frase de Karl Marx “Tudo o que era sólido se desmancha no ar” (Manifesto do Partido Comunista) Bauman pensa sobre vários temas a partir da liquidez do mundo.

1.1 Metodologia

A descrição metodológica do trabalho é algo importante para todos os pesquisadores. Nas ciências sociais as reflexões sobre metodologias a serem usadas nas pesquisas são extensas; Émile Durkheim, Claude Lévi-Strauss, Charles Wright Mills, Clifford Geertz⁶ Roberto Cardoso de Oliveira, são alguns dos autores que contribuíram para a formação de metodologias e reflexões para as ciências sociais. Além de teóricos de outros campos do conhecimento como Michel Foucault e seus debates sobre disciplina em Arqueologia do Saber.

Para o pesquisador, o lado intelectual deve caminhar para a erudição, para que o trabalho proveniente se aproxime da perfeição, logo, o pesquisador constrói um caráter, uma essência (MILLS, 1975).

Em pesquisa de ciencias sociais, o meio que estamos é primordial e interfere na nossa própria concepção de trabalhos e de como abordar as pesquisas. Esse tipo de experiência que nos acompanha pela jornada acadêmica serve para que o artesanato intelectual acabe se aperfeiçoando.

Para Mills, a essência, o aperfeiçoamento do pesquisar como bom trabalhador significa

(...) que deve apreender sua experiência de sua vida no seu trabalho continuamente. Nesse sentido, o artesanato é o centro de si mesmo, e o estudante está pessoalmente envolvido em todo o produto intelectual de que se ocupe. Dizer que seu passado influi e afeta o presente, e que define a sua capacidade de experiencia futura. Como cientista social, ele terá de controlar a interinfluencia, bastante complexa, saber o experimenta e isolá-lo; somente dessa forma pode esperar usá-la como guia e provar suas reflexões, e no processo, se modelará como artesão intelectual (MILLS, 1975, p. 212).

Se a experiência pessoal e acadêmica cria, transforma, aperfeiçoa o artesanato intelectual e nossas escolhas em pesquisas, o método também é fruto da escolha acadêmica e pessoal; logo, qual seria o método utilizado para o desenvolvimento da pesquisa?

1.1.2 Etnografia

Há muito tempo a etnografia já é um objeto que ajuda aos cientistas a pensarem o mundo de forma diferente. Etimologicamente a palavra etnografia vem do grego *ἔθνος*, ethno - nação, povo e *γράφειν*, graphein – escrever.

⁶ As regras do método sociológico (1895), A Imaginação Sociológica (1959), O trabalho do Antropólogo (2006), As formas elementares do parentesco (1949), A interpretação das Culturas (1973) – respectivamente.

Emile Durkheim, na introdução de *As formas Elementares da Vida Religiosa*, usa a etnografia como parâmetro para a sua pesquisa, já que observa que as descrições feitas pelos etnógrafos são de suma importância para a ciência, e já romperam a barreira da curiosidade, e abriram porta para um novo tipo de método.

Contudo, a etnografia ficou mais famosa logo após a publicação de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* de Malinowski; onde o autor teve a preocupação de demonstrar e descrever o método e fazer surgir um novo tipo de estrutura para a etnografia. A descrição de Malinowski e do sistema *Kula* abriu portas para outras etnografias como a de Evans-Pritchard e sua famosa etnografias em meio aos Azande e Nuer; além de formar linhas teóricas como estrutural-funcionalista etc.

Tempos depois, a etnografia ganhou novos conceitos e novas interpretações. Atualmente, as descrições densas, e interpretativas da cultura são a base da etnografia; os principais teóricos dessa são Clifford Geertz e James Clifford.

Esse trabalho é ancorado a etnografia interpretativa proposta por Geertz. Segundo Geertz, as interpretações que temos de determinado ambiente devem ser compreendidas de forma diferenciada e de maneira correta, pois, determinados eventos podem ter várias explicações, e o objetivo do etnógrafo, é delimitar como esses eventos circulam e a sua simbologia (GEERTZ, 2008).

Para Geertz, a etnografia sem a descrição densa e a interpretação dos fatos, é pífia, segundo ele,

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, pag. 7, 2008).

Ou seja, é essencial para a etnografia a interpretação, pois a realidade, de certa forma, tem várias nuances que precisam ser percebidas e detalhadas na etnografia, deixar algo de fora em uma etnografia, é como se deixássemos de lado, escolhêssemos, e retirássemos o que não achamos relevante para a pesquisa.

1.1.3 Entrevista Semiestruturada

Outro procedimento metodológico que será realizado durante a pesquisa são as entrevistas com os donos dos albergues e as entrevistas serão as semiestruturadas. Serão respondidas perguntas

que respondam os objetivos específicos. Para Thiollent (1982) as entrevistas não diretivas buscam com que o entrevistado sintam-se à vontade em comentar o assunto que está lhe sendo dirigido, e assim, é possível obter mais dados no processo de investigação, o objetivo da entrevista não diretiva consiste em captar as identificações por meio da fala dos indivíduos, mediante a superação de censuras que nelas se manifestam (THIOLLENT, pag. 82, 1982).

1.1.4 O Artesanato Intelectual

Penso que as reflexões sociológicas propostas por Mills sejam de grande importância para todas as pesquisas, e não só como reflexão, mas como método para todas as pesquisas. A construção de arquivos, de projetos, de rever a toda hora o que o pesquisador tem a seu dispor, é contributivo para que ele alcance resultados favoráveis no final de sua pesquisa e, além disso, pense e reflita sobre outros temas que poderá abordar futuramente.

A imaginação sociológica, quero lhe lembrar, consiste e, parte considerável na capacidade de passar de uma perspectiva para outra, e, nesse processo, consolidar uma visão adequada de uma sociedade total e de seus componentes (MILLS, pag. 41, 2009).

2. Fundamentação Teórica

2.1 Turismo

Há muito tempo o homem tem necessidade de se locomover, isso se dava por conta das tribulações do dia-a-dia; já que ele necessitava ser nômade para a sobrevivência, contudo, com a sedenterização e o surgimento da agricultura e de outros meios para a sua alimentação e reprodução, o homem acabou se retendo a um lugar e formando seu povo, estado-nação, sistemas econômicos, etc.

Hoje, mais do que nunca, com o advento da globalização, modernidade, capitalismo, o homem está em meio a tramas e dramas todos os dias, onde os sistemas impõem determinadas situações de estresse cansaço etc., pensando como Marx, o sistema capitalista acaba alienando o trabalhador, e dentro desse meio de estresse, ele necessita de algo para passar o tempo, ver o mundo de outra forma, esquecer seu trabalho etc.; e eis que surge o turismo.

O turismo tem grande influência no mundo atualmente. Em 1946 foi criada a Organização Mundial de Turismo com o objetivo de proporcionar o “turismo responsável, sustentável, e acessível a todos”. A OMT também criou o “Código ético mundial para o Turismo” criado em 1999 na Assembleia Geral da Organização Mundial de Turismo (OMT) que os principais artigos estão:

1. Turismo como contribuição mútua para o entendimento e respeito entre pessoas e sociedades;
2. Turismo como veículo para a realização coletiva e individual;
3. Turismo como fator de desenvolvimento sustentável;
4. Turismo, um usuário do patrimônio cultural da humanidade e contribuinte para sua valorização;
5. Turismo, uma atividade benéfica para os países de acolhimento e comunidades;
6. Obrigações das partes interessadas no desenvolvimento do turismo;
7. Direito de Turismo;
8. Liberdade dos Movimentos Turísticos;
9. Direitos dos Trabalhadores e Empresários do Setor de Turismo;
10. Aplicação dos Princípios do Código Mundial de Ética para o Turismo (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO, tradução nossa).

Além disso, a OMT conta com 155 membros, 6 membros associados, e mais de 400 membros associados de diversos meios como empresariado, associações e autoridades (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO). É visível que o turismo conta com instituições comprometidas com o seu desenvolvimento e repercussão em todo mundo.

Entretanto, o mais interessante é analisar o primeiro artigo do código ético mundial do turismo, onde a principal premissa é “entendimento entre pessoas e sociedades” seguindo a lógica de que o

turismo perpassa a ideia de que: é preciso conhecer o outro para poder respeitar sua cultura, e entendendo a sua cultura, o respeito será perpetuo. A diferença do eu e do outro é acentuada no turismo na medida em que um não conhece o outro, e cada um tem interesses mútuos, alguns econômicos, outros culturais e dentro desses interesses o turismo cresce como grande economia global e reprodutora não só de economias, como de costumes e até estereótipos.

Contudo, aqui nos interessa investigar outro tipo de turismo, na qual chamamos de turismo alternativo (ou para outros, turismo cultural). Esse turismo têm inúmeras características desde os próprios indivíduos até a visitação do local, as maneiras de comportamento e de confronto cultural.

2.1.1 Turismo Alternativo (ou Cultural)

Ao tomar em mãos o dicionário a palavra “alternativo” é definida como “adj. Que se diz, faz ou ocorre com alternância. / Que se pode escolher em vez de outro: caminho alternativo. / Mec. Que se move com regularidade ora num sentido, ora no outro: movimento alternativo. // Corrente alternativa, corrente alternada.” Então o que seria o turismo alternativo? Ele está bem longe (ao que se pensa) do turismo comercial, àquele que dispõe de mecanismos como agências de turismo, pacotes turísticos, companhias aéreas, estado e mais alguns aparatos para que os turistas desse meio só possam olhar para onde são mandados.

Por exemplo, tomemos de exemplo o conceito de “mão invisível” do mercado de Adam Smith para analisar o turismo de massa. Logo depois, podemos nos transportar, por exemplo, para a própria cidade de Manaus e analisar o turismo de massa que ocorre; o que as agências de turismo têm a mostrar? O Teatro Amazonas, o largo de São Sebastião, os palácios, a ponta negra. O turista que está dentro desses pacotes turísticos tem relativa liberdade para sair de seus hotéis e andar pela cidade, porém, em sua maioria, preferem a comodidade de um ônibus com ar condicionado ou guias turísticos para satisfazer suas ânsias ou inseguranças; Eduardo Yázigi já alerta sobre como todos os lugares estão virando os mesmos, com os mesmos serviços, os mesmos turistas e esses lugares acabam perdendo sua identidade (YÁZIGI, 2001).

E então surge uma nova categoria de turismo que seria o turismo alternativo, onde essa mão invisível seria abolida e os turistas teriam mais autonomia para se mover, ver, e criar o espaço em que andam, além de mais contato com a cultura, povos que visitam. Esse turismo é muito ligado aos

mochileiros (ou atualmente chamados de backparckers) que tem a história ligada aos viajantes da geração beat ⁷.

Esse turismo alternativo foi visto com bons olhos pelo até então ministro do Turismo – Walfrido dos Mares Guias – em 2005 disse

Entre as muitas novidades, pela primeira vez o turismo brasileiro entrará no mercado dos mochileiros, que gera recursos na Europa. Um público geralmente formado por universitários que desejam conhecer o mundo gastando pouco dinheiro e abusando da criatividade. Ecoturismo, esportes radicais, sítios arqueológicos, ferrovias fantasmas no meio da Amazônia, festas típicas, circuitos de doces, a colonização europeia: toda a diversidade do Brasil explode nas mais díspares e surpreendentes rotas, com opções para todos os gostos, idades, preferências e sonhos pessoais (AIOQUI, p.18, *apud* O ESTADO DE S. PAULO 2005).

No documento intitulado Segmentação do Turismo publicado pelo Ministério do Turismo, o conceito do turismo cultural (que aqui chamamos de turismo alternativo) é

Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura (MINISTÉRIO DO TURISMO p. 12).

Ora, se o turismo alternativo é visto como produtor também de renda e lucro, ele é de certa forma também manipulado pelas mãos do capital (discussão que será abordada no decorrer do relatório). Então, como se desenvolve esse turismo? Segundo Krippendorf,

Hoje o turismo alternativo também se tornou um grande negócio comercial. Na Alemanha Federal, os estudos de mercado estimam há em um milhão de homens-férias que abandonaram o *dolce farniente* entre a *chaise-longue*, a piscina, o bar do hotel e querem realizar outros sonhos nas férias: ao invés do conforto, a aventura, o esforço físico, os calafrios, o espírito de grupo e o companheirismo. A última moda são as viagens de aventura. Esse mercado foi renovado pelas poderosas marcas de cigarro também por todo um conjunto de agências especializadas. Até mesmo os catalogos dos grandes organismos de viagens concedem cada vez mais espaço para este item, no qual se encontra o tudo e o impossível. Cada vez mais longe, mais louco, mais original, de ano para ano desde que os negócios prosperem (KRIPPENDORF, 1989).

⁷ A geração beat surgiu entre o final da década de 50 e o começo de 60 e seus principais representantes são Allen Ginsberg, Willian S. Burroughs e Jack Kerouac. Esses artistas eram conhecidos por seus movimentos nômades ou por fundar comunidades, foram inspiradores para o movimento hippie com o surgimento posterior.

A absorção do capitalismo a tudo à sua volta faz com que até mesmo o turismo que seria uma porta de saída ou fuga a massa seja submisso às novas condições do capital. Porém, apesar disso, o turismo cultural, e os ambientes que permeiam são responsáveis pelas relações sociais, um dos principais ambiente é o albergue onde grande parte dos turistas que são adeptos ao turismo alternativo (ou cultural) se hospeda. Esse local é intimamente ligado ao turismo cultural e sua história pode estar ligada intrinsecamente a formação desse turismo.

2.2 Albergues ⁸

O que você faria se estivesse em meio a uma tempestade em uma estrada? Provavelmente procuraria um abrigo até a tempestade passar. E foi isso que o Professor alemão Richard Schirrmann fez, e pensou como os alunos também passavam por esses tipos de adversidade e que precisavam de lugares para passar pernoites enquanto estudavam em algum local. E assim, três anos mais tarde surgiu o primeiro albergue, na Alemanha, por volta do ano de 1912 em um Castelo, em Altena.

A reprodução dos albergues deveu muito a questões de estudantes que precisavam de lugares para descansarem em suas excursões, a partir daí, o modelo alberguistas foi copiado por outros países europeus a partir dos anos 20 em países como Suíça, Polônia, Holanda, Inglaterra, Noruega e França.

Com a Segunda Guerra Mundial, grande parte dos albergues foi destruídos e posteriormente reconstruídos pós com o advento da nova filosofia *On The Road*. Entretanto, antes, em 1932 foi criado a Federação Internacional da Juventude – *Hostelling Internacional*; que hoje está presente nos cinco continentes e é a maior rede de hospedagem do mundo.

Atualmente existem cerca de 4 mil albergues em mais de 60 países e possuem filosofias, segundo a página do *Hostelling Internacional*, a filosofia dos albergues é

Nossa filosofia é que jovens de todo o mundo conheçam, através do *Hostelling Internacional*, países, cidades, culturas e costumes diferentes e aprendam a respeitar as peculiaridades de cada povo e a conviver em sociedade, contribuindo para formação do jovem. Os hostels prezam pelo espírito de amizade, o sentimento de solidariedade e o desejo de viajar. Ser alberguista é sobretudo amar a liberdade, dignificar a convivência humana e o respeito. O sucesso do alberguismo repousa na Missão e na filosofia que estão enraizadas no movimento (*HOSTELLING INTERNACIONAL BRASIL*, 2013).

⁸ Todas as informações desse tópico foram retiradas do site *Hostelling Internacional*

Contando com a filosofia alberguista aliada a outras filosofias que surgiram com o tempo, elas condicionam o comportamento de certos indivíduos que são os alberguistas, como se fosse uma moral profissional⁹ e assim, acabam tornando o vínculo mais coeso, mais preso e a filosofia mais forte com o passar do tempo. Contudo, apesar da filosofia alberguista ter conceitos como liberdade, convivência, cultura, trocas, ela não é partilhada por todas as pessoas que utilizam os albergues, já que é comum atualmente, ver hóspedes, por exemplo, que ficam em albergues enquanto realizam provas para concursos públicos.

Os albergues partilham de estruturas parecidas; em grande parte, são casas. Essas casas são divididas em vários quartos, sala, cozinha, área de convivência, banheiros, área externa. Todas essas áreas são partilhadas de alguma forma pelos hóspedes. O quarto é o ambiente mais íntimo na medida em que é ocupado por até seis pessoas; a cozinha é um local de socialização que juntamente com a sala e a área de convivência formam espaços de trocas simbólicas. Em sua maioria, os albergues estão divididos dessa forma, os atendentes, donos, dominam no mínimo duas línguas e são simpáticos no limite do possível.

2.2.1 Albergues no Brasil¹⁰

Os albergues brasileiros surgiram em 1961 com os educadores Joaquim e Ione Trotta e o primeiro hostel brasileiro foi criado na cidade do Rio de Janeiro e chamava-se Residência Ramos. Nesse período havia também albergues na cidade de São Paulo, Brasília, e Campos do Jordão. O movimento alberguista teve decaída com a chegada do Regime Militar quando muitos foram fechados porque segundo os militares os albergues reuniam muitos jovens universitários.

Em 1971 foi fundada a Federação Brasileira de Albergues da Juventude (FBAJ) com sede no Rio de Janeiro e em 1984 a Associação Paulista de Albergues da Juventude (APAJ). Atualmente há mais de 60 albergues espalhados pelo Brasil que são conveniados com Federação Brasileira de Albergues da Juventude.

2.3 Cultura Material e Imaterial

Há muito tempos os antropólogos se preocupam com o que é a cultura, como ela se cria, se reproduz entre os homens e sua importância para a compreensão do homem de alguma forma. Os antropólogos evolucionistas e difusionistas criaram expectativas sobre o que era a cultura. Os evolucionistas diziam que a cultura era fruto de uma evolução cultural onde haveria uma linha onde todas as culturas deveriam passar até se chegar a mais evoluída, proposta defendida por Morgan.

⁹ Lições de Sociologia. A moral Profissional. Émile Durkheim.

¹⁰ As informações contidas aqui são provenientes do site da Associação Paulista de Albergues da Juventude (APAJ).

Porém, foi Tylor o primeiro a dar um conceito de cultura, que embora já tenha sido subscrito há muito tempo, é importante para a Antropologia. Segundo Tylor, a cultura

ou Civilização, tomada em seu mais amplo sentido etnográfico, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade (CASTRO, p.31, 2005).

Como é visível os conceitos de cultura são muitos e agora tento resumi-los de forma sucinta. Dentre as principais explicações poderíamos defini-las como adaptativas, simbólicas e estruturais. Leslie White julga que o homem cria sua cultura a partir dos símbolos, é válido lembrar que em *As Formas Elementares da Vida Religiosa* de Émile Durkheim, em busca de uma Sociologia do Conhecimento, Durkheim aponta para as formas de classificação que permeiam o homem desde o princípio (mas precisamente nos sistemas religiosos e totêmicos) entre sagrado e profano. Essas formas de classificação acabam formando símbolos e Claude Lévi-Strauss (com a abordagem da Antropologia Estrutural) e tantos outros vão firmar idéias a partir da simbologia, e que a cultura é formado por símbolos; Leslie White acredita que o estado de passagem do animal para o ser humano é quando o homem apreende seus símbolos e assim forma a sua cultura (LARAIA, 2001).

Outra corrente, seria a de Claude Lévi-Strauss onde a cultura estaria estruturada no inconsciente do homem seguindo as premissas dos linguistas, principalmente de Ferdinand Saussure; com a base do estruturalismo da língua Lévi-Strauss também usou para a estruturação da cultura, parentesco e disse que a cultura surgiu a partir da proibição do incesto (LARAIA, 2001). As ideias de Lévi-Strauss inspiraram vários outros como Jacques Lacan e sua reinterpretação da teoria psicanalítica a partir da Teoria Freudiana.

Há ainda os conceitos de cultura ligadas à interpretação e simbólicas que são defendidos por David Schneider e Clifford Geertz. Para Geertz o ser humano tem a capacidade de ter mil culturas, porém, até o final da vida carregará apenas uma, e para ele, estudar cultura na antropologia é estudar as particulares simbólicas que envolvem as pessoas, já que elas, de alguma maneira não são privadas, e sim, públicas, ou seja, os símbolos e significados são partilhados pelos indivíduos.

Segundo a Unesco a cultura imaterial seria

O Patrimônio Cultural Intangível ou Imaterial compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes (UNESCO, 2013).

A cultura ramifica-se entre várias formas e fixa-se em várias pessoas, países, nações etc. Sua importância é muito valiosa, pois pode ser também um meio de desigualdade, onde os sistemas culturais e a massa dominante acaba formando também a cultura dominante, onde os indivíduos que não incorporam a si essa cultura acaba sendo prejudicado de certa forma. É a violência simbólica que Pierre Bourdieu destaca em seu livro *O Poder Simbólico* e dos sistemas culturais e simbólicos como instrumentos de dominação.

2.3.1 Cultura Material

Imagine que a cultura sendo algo abstrato, intocável, intangível também precisa ser necessariamente tangível em algum momento. A cultura torna-se tangível a partir do momento em que o homem já com a formação simbólica se põe a realizar trabalhos para tornar possível o abstrato se tornar real. Lembro que Émile Durkheim ao tentar explicar a divisão do trabalho social se põe ao problema de como explicar essa divisão que os próprios homens fizeram e quem a legitima? Conseguiu resolver seu problema quando decidiu buscar nas leis do direito a possível explicação para essa divisão do trabalho. Ora, o homem também em grande parte tenta transmitir sua cultura não só por trocas, palavras, gestos ou danças, mas também materialmente. Essa fabricação de cultura material, de certa maneira, pode estar ligada à diversas épocas da história, porém, a fabricação dela (aqui me lembro do conceito de trabalho vivo de Karl Marx) requer o sistema simbólico do homem. Contudo, a cultura material (aqui digo os prédios, ruas, fachadas, largos, praças etc) seria apenas um trabalho morto? Acredito que não, hoje em dia as questões da cultura material estão protegidas por órgãos como a UNESCO onde criaram os patrimônios mundiais que ajudam a manter a cultura material intacta e presente na vida dos indivíduos, segundo a UNESCO há seis critérios de seleção para os bens culturais:

- i. representar uma obra-prima do gênio criativo humano, ou
- ii. ser a manifestação de um intercâmbio considerável de valores humanos durante um determinado período ou em uma área cultural específica, no desenvolvimento da arquitetura, das artes monumentais, de planejamento urbano ou de paisagismo, ou
- iii. aportar um testemunho único ou excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização ainda viva ou que tenha desaparecido, ou
- iv. ser um exemplo excepcional de um tipo de edifício ou de conjunto arquitetônico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre uma ou várias etapas significativas da história da humanidade, ou
- v. constituir um exemplo excepcional de habitat ou estabelecimento humano tradicional ou do uso da terra, que seja representativo de uma cultura ou de culturas, especialmente as que tenham se tornado vulneráveis por efeitos de mudanças irreversíveis, ou
- vi. estar associados diretamente ou tangivelmente a acontecimentos ou tradições vivas, com idéias ou crenças, ou com obras artísticas ou literárias de significado

universal excepcional (o Comitê considera que este critério não deve justificar a inscrição na Lista, salvo em circunstâncias excepcionais e na aplicação conjunta com outros critérios culturais ou naturais) (UNESCO, 2013).

Esses critérios ajudam na formação e na preservação dos patrimônios culturais (já que a cultura imaterial pode se modificar no decorrer do tempo). Contudo, há se perguntar se realizou a formação da cultura material. Hannah Arendt em *A Condição Humana* analisa a obra como algo que o homem fabrica com a sua força de trabalho, porém, é durável e permanece como mercadoria (posição defendida principalmente pelos economistas) e se opõe ao próprio homem. Essa obra também pode ser considerada como um patrimônio histórico já que os homens controem com sua força de trabalho, e essas obras em algum momento, se perpetuam diante deles. Para Hannah Arendt apesar de serem “usados” de certa forma o uso não é ligado a durabilidade porque

(...) a deterioração desses objetos, a deterioração não é o destino deste últimos, no mesmo sentido em que a destruição é fim intrínseco de todas as coisas destinados ao consumo. O que o uso desgasta é a durabilidade (ARENDDT, p.170, 2011).

Porém, esse tipo de cultura é construída artisticamente e mesmo com a deteriorização e a presença dela no mundo como forma de durabilidade do homem é passível de uma análise mais profunda. Seguindo a perspectiva de Hannah Arendt; por conta dessas obras serem consideradas artísticas, elas não tem valor de uso, estão lá, e serão permanentemente cuidadas por conta disso, o desgaste dela com o tempo, será mínimo. Segundo Arendt,

(...) as obras de arte [que aqui entendemos que podem ser o patrimônio material] são as mais intensamente mundanas de todas as coisas tangíveis sua durabilidade permanece quase inalcançada pelo efeito corrosivo dos processos naturais (...) Assim a durabilidade das obras de arte é de uma ordem superior àqueça de que todas as coisas precisam para existir; elas podem alcançar a permanência através de eras (ARENDDT, p. 209, 2011).

Essa durabilidade, é claro, atualmente é sustentada por normas e leis de várias diretrizes, países, e órgãos internacionais para a sustentação desses patrimônios históricos e sua durabilidade no mundo. Porque, afinal, tudo é feito pelos homens.

2.4 Trocas Culturais

Se a cultura é mutável em certas instâncias por conta da introdução de fatores externos a ela, sejam eles econômicos, políticos e sociais, a cultura também impera de certa maneira na comunicação, e nas trocas que um sujeito tem com outro. Se Geertz em seu ótimo exemplo diz que

o ser humano tem suporte para várias culturas, contudo, no final acaba escolhendo somente uma, é de questionar-se que: apesar de haver esse suporte da cultura (principal) as trocas culturais acabam adicionando de certa forma aspectos da outra cultura (exterior) ao receptor.

As trocas culturais há muito tempo estão em vista de pesquisadores. Marcel Mauss em *Ensaio Sobre a Dádiva* analisa aspectos de trocas simbólicas entre culturas diferentes, segundo ele, há uma tríplice obrigação (universal) de *dar, receber e retribuir* que é presente nas sociedades consideradas “arcaicas” ou “atrasadas”, segundo Mauss, as trocas não são por si só de maneira material ou econômica, são, antes de mais,

Amabilidades, festins, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras cujo mercado não é senão um dos seus momentos e em que a circulação das riquezas mais não é do que um dos termos de um contrato muito mais geral e muito mais permanente (MAUSS, p. 58, 2011).

Ora, essa tríplice obrigação que Mauss observou nas sociedades da Polinésia e outras que de certa forma, estariam observáveis somente nas sociedades arcaicas, também pode ser encontrada na sociedade contemporânea entre os indivíduos. As formas contemporâneas (ou modernas) de trocas culturais são por meio do dom, segundo Alain Caillé em seu livro *Antropologia do Dom* discute como a dádiva transforma-se em um novo paradigma a partir do momento que aborda o dom como paradigma do próprio simbolismo. O dom deve ser compreendido como símbolo (CAILLÉ, 2002). Na sociedade atual que segundo Zygmunt Bauman é permeada de relações frágeis por conta da modernidade e da introdução do capital na vida sentimental das pessoas. O dom, em contrapartida, por não ser desinteressado de nenhuma forma, pode agregar pessoas, ou segundo Caillé,

Privilegia os interesses de amizade (de aliança, de amância, de solidariedade etc.) e de prazer e/ou de criatividade em confronto com os interesses instrumentais ou a compulsão (...) Ele é o movimento que, para os fins de aliança ou (e) de criação, subordina os interesses instrumentais aos interesses não instrumentais. Às paixões (CAILLÉ, p. 145, 2002).

De certa forma, as trocas culturais, ou simbólicas são artificios para manter o vínculo entre os indivíduos e socializar-se de alguma forma, essas trocas que são invisíveis, ajudam a compreender a força de socialização dos alberguistas no próprio albergue, que por conta da divisão de cozinha, quartos, etc acabam criando relações por base de trocas e divisões desses lugares, e de conhecimento entre, repartição da sua cultura.

2.5 Mochileiros (ou Backpackers)

O segmento de mochileiros há muito tempo está em meio ao turismo. O mochileiro, como dono de identidade, fornece economicamente e culturalmente aos lugares que visita, uma forma de reviver o espaço e criar novas relações sociais e econômicas.

Há divergências de como surgiu os mochileiros, segundo alguns autores os sujeitos surgiram a partir do século XVII e XVIII quando homens jovens e nobres acompanhados de seus professores saíam em expedições pelos países à procura de experiência empírica (SAWAKI, SAWAKI e NETO, 2010). Outra perspectiva de surgimento dos mochileiros é a de que havia uma peregrinação de jovens da classe trabalhadora onde percorriam vários lugares para trabalharem em vilas e viviam em constantes mudanças.

Autores divergem também em questões de identidade do mochileiro. Há aqueles que chamam de mochileiro tradicional – ou seja – aquele que passa boa parte de seu tempo fora do local de origem que visita vários locais ao mesmo tempo e tem uma rota flexível podendo mudar de destino ao conhecer outros mochileiros. Há também aqueles chamados de *flashpackers* ou contemporâneos que seriam àqueles que viajam por curto tempo (somente em férias escolares ou trabalho) e que não conseguem se desligar por muito tempo a redes, ou sem ambiente (SAWAKI, SAWAKI e NETO, 2010).

O segmento de mochileiros ainda é pouco explorado no Brasil, porém, já se mostrou certo interesse no segmento com a citação do Ministro de Turismo em 2010 (citado anteriormente). Porém, em países como Austrália, Nova Zelândia, África do Sul são referências em *backpacking tourism* e investem no segmento de mochileiros. Segundo dados, a maioria dos mochileiros tem idade entre 18 e 33 anos.

É interessante notar que os mochileiros acabam formando sua identidade por conta da filosofia impregnada nos anos 60 dos hippies e da cultura on the road. Esse tipo de filosofia acabam criando, de certa forma, um estigma com os mochileiros. Por se vestirem de maneira diferente, ter uma cultura diferente de quem eles visitam passam por uma dualidade interessante, ao mesmo tempo em que transmitem conhecimento, cultura, e economias (sejam elas simbólicas ou monetárias) acabam também por se tornar alvo de certos comércios e preconceitos.

Erving Goffman em seu livro *Estigma* aborda a questão do surgimento do estigma e a sua manutenção social. Segundo ele, inicialmente há três tipos de estigma:

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos, de por exemplo, distúrbio mental,

prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros e uma família (GOFFMAN, p.14, 2012).

Os mochileiros em muito por conta da manutenção de sua fachada (GOFFMAN, 2003) acabam criando também estigmas que se perpetuam, um dos estigmas que carregam é do de gringo, termo utilizado na América Latina para pessoas de outros lugares do mundo que não falem língua latina. Esses turistas (que não são só os mochileiros) acabam tendo uma dualidade interessante: ao mesmo tempo que são vistos como pessoas estranhas por conta das vestimentas, de ser alvo fácil de oportunistas, do comércio etc, também tem o seu lado positivo por conta desse mesmo comportamento, e de sua beleza europeia (muita das vezes) o que faz lembrar (em questões brasileiras) o que Darcy Ribeiro falava sobre a formação da identidade brasileira com a aproximação do europeu e o repúdio a identidade com o índio, caboclo e mulato.

Esses viajantes, que carregam pouca bagagem (material) são importantes para o desdobramento da economia turística que acontece no estado do Amazonas. Se os mochileiros “clássicos” acabam passando maior tempo percorrendo a cidade de Manaus acaba formando outro tipo de realidade por conta da dificuldade de chegar à cidade; que é feita por meio aéreo ou fluvial, e por conta disso, grande parte se concentra na cidade de Manaus e logo depois, vão até comunidades ribeirinhas ou passar grande parte do tempo na floresta amazônica, comércio esse, que está cada vez mais acentuado por conta das agências de turismo, ou seja, esses mochileiros que seriam alternativos e alheios ao turismo de massa, acabam também indo ao encontro ao turismo de massa por conta da incapacidade de conseguir, por exemplo, um roteiro nas cidades do interior ou de não saber como chegar na floresta, selva, o exótico que ele tanto busca.

Preâmbulo

O homem está condenado a ser livre.

Jean-Paul Sartre

3. Resultados Preliminares¹¹

3.1 Primeiras Impressões: Um estranho no ninho

Lá ia eu com duas bolsas, alguns trocados, roupas e numa sexta-feira indo para um albergue na minha própria cidade. O albergue fica próximo ao Teatro Amazonas, na Rua Barroso e se você passar rapidamente, provavelmente não vai notar. Ao entrar, é perceptível o cheiro quase intoxicante de repelente. Na sala do albergue já havia algumas moças que mexiam no computador, outros estavam sentados em um sofá e olhavam para tv ou conversavam entre si. A recepcionista me explicou as “regras” do albergue; como de costume acabei escolhendo um quarto com seis camas. O quarto é simples, seis camas, dispostas em beliches, havia um *locker* para cada hospede e nada mais. No quarto estavam um inglês, um holandês e mais tarde juntaram-se a nós dois italianos (que foram na manhã seguinte) e um alemão. Aparentemente, os albergues manauaras dividem os quartos conforme os gênero. A conversa que tive com a funcionária foi das mais informativas, onde procurei saber (como pesquisa exploratória) quantos hospedes se hospedavam mais ou menos etc. e ela me perguntou o porquê de me hospedar em um albergue se morava em Manaus (até então somente o dono do albergue sabia da pesquisa) e expliquei o porquê. A primeira vista ficar num albergue envolve questões de hospitalidade no sentido que você precisa ser agradável com quem você divide o quarto – algo que é tão íntimo às vezes – e outros cômodos do albergue. Meu quarto ficava no segundo andar, onde havia um banheiro, e mais outro quarto, descendo as escadas havia a recepção, a sala de tv, e descendo mais um lance de escadas, outros quartos, mais um banheiro e área de lazer, com a cozinha, piscina e algumas cadeiras. É de notar que essas áreas são estratégicas para a convivência, em grande parte, na cozinha, e na recepção. A cozinha por ser um local onde todos cozinham e são obrigados (de uma maneira coercitiva diria Durkheim) a limpar tudo o que é sujo e deixar acessível para os próximos que utilizarão. A recepção é como devemos lembrar, a porta de entrada para o albergue, onde recepciona-se, faz-se o check in o check-out e ponto de venda de bebidas, comida, atendimento, de certa forma por parte dos funcionários. É uma das áreas mais movimentada por conta dos funcionários serem em sua maioria simpáticos e atenciosos. O albergue em sua maioria só é responsável pela acomodação e o café da manhã. O café da manhã é fornecido por outro estabelecimento; o albergue distribui um ticket para o hospede ir até o local e

¹¹ Gostaria de chamar atenção para as dificuldades de obter licenças e permissões para a publicação de nomes, entrevistas e de dados para os resultados preliminares. Infelizmente, ainda não é possível comentar o nome dos albergues por conta de alguns entraves com os donos dos próprios albergues que apesar de terem sido avisados com ofícios dificultam o acesso a dados. A pesquisa etnográfica, felizmente, foi realizada (já que não dependia em si dos donos) e será contada no decorrer dos resultados. Agora, será apresentando as primeiras impressões da visita aos albergues.

usufruir do café da manhã, logo, o albergue cria economias que giram próximas a ele, por conta de não ter meios de fornecer o café da manhã acaba passando a responsabilidade para outro estabelecimento e isso gera economias que perpetuam.

Uma das primeiras impressões de quando você chega em um albergue é o quesito língua, devo admitir que meu inglês é meio enferrujado e prefiro me comunicar em espanhol com a maioria dos hóspedes. É a primeira barreira que encontramos, se pensarmos dessa forma. Pelo o que percebi, grande parte dos hóspedes chegaram no Amazonas diretamente e outros vieram desde Tabatinga até chegar na cidade de Manaus. E grande parte primeiro aprendeu o espanhol em países da América do Sul ou Central e posteriormente vem ao Brasil (e acham muito difícil aprender a língua portuguesa, pois, segundo eles falamos mais rápido que os que falam espanhol).

O primeiro hóspede que conheci foi Mark De Graaf¹², um holandês, biólogo que viajava o mundo há pouco mais de um ano, segundo ele entrou pela Nicarágua onde teve um curso de espanhol e logo depois desceu para América do Sul, uma volta breve à Holanda e depois o retorno para o Chile em 9 de Outubro de 2011 e o término de sua viagem em 5 de Outubro de 2012 no Rio de Janeiro.

O principal interesse de Mark era de conhecer a América por questões de aprendizagem . Viajar é um “instrumento” muitas vezes modificador da cultura, segundo ele, veio para Manaus porque

Razones para mi para ir a Manaus: Practicamente porque yo vení de Colombia y querí ver el Rio Amazonas. Yo intenté a hacer un tur en Tefé, originalmente no en Manaus (...)Tambien vení a Manaus porque generalmente durante mi viaje en Sud-America me gustaría conocer un poco de todos los regiones, si possible. Manaus parece un ciudad importante en Brasil. La idea de un ciudad tan grande en la floresta de Amazonas que es lo mas grande del mundo (pienso), es estraño para mi, entonces muy interesante para experimentar.

O interesse que os turistas tem sobre a cidade de Manaus recai muito sobre o exótico que a cidade tem a proporcionar, porém, Manaus é como se fosse um ponto de partida para essa exotividade, um porto de apoio; chega a ser uma cidade heterotópica em certos momentos, segundo Michel Foucault, os espaços heterotópicos¹³ são espaços de transição, como um quarto de motel, porém, aqui, a ideia aplica-se conforme a cidade de Manaus passa por uma “crise heterotópica”

¹² Mark permitiu a divulgação de seu nome e história. Nossos contatos são feitos por e-mail, e agradeço de coração a paciência com meu portunhol e as perguntas que fiz e que ele respondeu com tanta paciência.

¹³ Michel Foucault. Outros Espaços. 1967

onde ela prepara seus turistas para receber algo maior que seria a fauna, flora, ou resumidamente, o exótico.

Com interesse ainda em percorrer outros lugares do Brasil, Mark procurou aprender em algum momento a língua portuguesa, e eu, servi de aporte para ele, mostrando alguns lugares do centro da cidade para almoçar, comprar um dicionário e levando-o a um shopping da cidade. Minha relação com Mark foi uma das mais frutíferas dentro do albergue, convém destacá-la aqui, e suas impressões sobre a cidade de Manaus.

No fim de semana em que fiquei hospedado no albergue foi o sentimento particular de quando me hospedo em outros, o clima de amabilidade e solidariedade dos hospedes em conversar com você e de sentir convidado para ir a todos os lugares ou ser excluído de alguma forma quando estão falando coreano ou alemão ao seu lado, mas nada que mímicas não ajudem a compreender o que cada um quer dizer.

Perguntei para Mark sobre o motivo de suas viagens, e, de uma maneira poética ele me respondeu

Viajar ayuda a quedar los ojos abierto, a ver fresca al mundo, no acceptar una idea vieja. Tambien, cuando ves muchas cosas diferentes, muchas culturas diferentes, muchas personas diferentes, ayuda a entender mas diferencias, a entender la gente en general, a entender su mismo. Tambien, quando se viaja solo mucho tiempo, se siente mas independiente, mas fuerte.

Creio que abertura que Mark me proporcionou desde o início para as minhas perguntas e minha companhia foram as mais formidáveis, realmente, uma verdadeira troca simbólica e de conhecimentos em certos momentos, entretanto, no final do dia, eu vi o polatch sendo fundamentado e materializado. Ao chegar de um show em algum canto da cidade, Mark me deu um livro do Scott Pilgrim, que anteriormente estava comentando com ele, talvez, em certo momento, a tríplice obrigação ali se perpetuava. De certa forma tivemos repartimento de conhecimentos, e ele, retribuiu com um presente, uma dádiva, de certa forma, e agora, eu retribuo, por meios de palavras.

Capítulo I

As Trocas Culturais e a Motivação *Backpacker*

4. Um experimento diferente: o tato da cultura

O ato de experimentar a muito tempo faz parte do cotidiano humano, se buscarmos o significado da palavra “experiência” no dicionário Aurélio encontramos: s.f. Ação ou efeito de experimentar; conhecimento adquirido pela prática da observação ou exercício: ter experiência. / Ensaios, tentativas para verificar ou demonstrar qualquer coisa: fazer uma experiência.

Conseguimos experimentar de diversas formas, pela audição, olfato, paladar, tato e tentamos o máximo possível tentar experiências que são raras ou que só podem ser realizadas em certas ocasiões. Em entrevistas, e pela convivência com os hóspedes dos albergues é possível perceber que grande parte viaja para “experimentar”. Como seria essa experimentação? De várias formas. A cultura ela se materializa de várias maneiras, como a música de certo país, de um estado, cidade, local, ela será experimentada pelo viajando por meio do sentido auditivo, e também será experimentado como cultural, a comida também por meio do paladar, o tato, de andar pelas ruas da cidade, ver algo que nunca viram na vida; essas formas de experimentar são as mais básicas possíveis para um mochileiro.

Até agora é possível já ver a cultura operando nas pessoas que viajam, porém, a perspectiva de estarem dentro de um albergue com várias outras pessoas cria um leque de oportunidades para experimentar seja pela língua, hábitos, gestos etc.

Dentro da filosofia as percepções, filosofia foram debatidas por vários filósofos como Kant, Heidegger, Sartre entre outros. Convém aqui dizer sobre a percepção que o mochileiro cria de si próprio e que motiva os outros também a criarem a mesma percepção para si próprios. A fenomenologia de Sartre quando debate a questão do outro ¹⁴ discute que é preciso enxergamos no outro o que queremos ser, e ao conseguir enxergar isso, também conseguimos visualizar o outro em nós. Além do mais, Sartre em sua obra *O Existencialismo é um Humanismo* fala sobre o engajamento que cada pessoa faz para com outra, o ato de viajar como mochileiro é um ato de engajamento não só para quem atua, mas também para quem entra em contato com o ator, e que continua a mesma ação no tempo.

Os mochileiros conseguem se ver como mochileiros ao verem outros também sendo mochileiros, pois partem de dois princípios fundamentais para suas viagens: liberdade e conhecimento. As experiências de trocas culturais que fazem nos albergues estão ligadas

¹⁴ As discussões de Sartre sobre a ontologia do ser-em-si ou ser-em-outro estão presentes no livro *O Ser e o Nada*; base para muitos da teoria existencialista Sartriana.

intrinsecamente aos dois principais motivos de sua viagem. Necessariamente a experiência de estar em algum lugar desconhecido, com pessoas novas, permite que outros tipos de conduta apareçam que em sua maioria, estão desaparecidas na sociedade líquida. Esses tipos de conduta são das mais variadas, como generosidade, tempo, ajuda, conversas prolongadas. E ao estar em outro ambiente (aqui falamos da cidade onde visita, país etc.) acabam conhecendo outros tipos de conduta que não são de outra ordem cultural, e assim, relativizam suas próprias condutas e morais para melhorar seu lugar no mundo como indivíduo. O desdobramento da empiria dos mochileiros é a capacidade de relativismo cultural, e da sensação de liberdade e conhecimento da cultura em que estão, porém, por que meios vem essa liberdade e conhecimento?

4.1 A Liberdade como potência para o conhecimento

Se observarmos os anúncios das agências de turismo veremos que a maioria das imagens além de mostrar um cartão postal da cidade também terá alguma pessoa com braços abertos, ou sorrindo, mostrando alegria, liberdade, aconchego onde não pode se encontrar na cidade onde se mora, ou no trabalho, universidade ou qualquer meio que você esteja dentro do ambiente em que está no momento.

Não é de espantar que muito dos anúncios falam sobre os pontos positivos, os chamativos de certos locais, em um anúncio de uma agência de turismo local percebemos o mundo “fantástico” e “imaginário” das descrições:

“Não é exagero chamar o Walt Disney World de Mundo da Magia. Pessoas de todas as idades se encantam com as atrações deste complexo dedicado à diversão. Brinquedos que parecem ter saído de sonhos, confortáveis hotéis instalados ao seu redor e passeios incríveis” (CVC, 2013).

São emoções que mexem com qualquer pessoa ao usar as palavras: diversão, sonhos, confortáveis, passeios incríveis. Walt Disney apesar de ser uma indústria mais focada nas crianças etc. acaba levando uma grande quantidade de pessoas adultas para esses complexos. E a experiência que se traz dos lugares é de poder estar próximos a personagens que foram imortalizados, trazer lembranças para a família e amigos, tirar fotos com Mickey Mouse entre outros. Contudo, vemos que a liberdade que é vendida pelas agências de turismo, ao mesmo tempo em que fantasiam, usam a imaginação das pessoas, alegando a liberdade de viajar, de se divertir de estar fora do seu ambiente de trabalho, cidade; acaba também prendendo os turistas que compram esse tipo de

turismo, pois, é necessário para todos que estão viajando em grupo que visitem as mesmas coisas, olhem para as mesmas coisas e se sintam parte de tudo. Onde estará o conhecimento nessas viagens?

Os mochileiros tem algo a seu favor: o desmembramento de agências de turismo. O que é possível perceber nos mochileiros é que em sua maioria viajam logo após terminar a faculdade, ou depois de passar algum tempo considerável trabalhando. A liberdade que falam é de se distanciar de onde vivem de poderem ir para onde quiserem serem livres a partir de suas próprias escolhas. Uma mochileira chilena ao ser perguntada qual o tipo de aprendizagem apreende após uma viagem respondeu:

De aprendizagem, de aprender a solucionar sin preocuparse demás buscar soluciones de manera más tranquila e tem mais tempo mais campo de acción, mais liberdade y también aprende a buscar gente que pode ajudar [incompreensível] espacio donde está.

A liberdade, então, junto com a ação é uma forma de conhecimento; ela acaba guiando o pensamento, os atos dos mochileiros. Ela interfere na mentalidade desses indivíduos e o conhecimento gerado acaba relativizando o seu jeito de pensar e agir, e até mesmo de conhecer.

Em outra entrevista com uma mochileira britânica, ela relatou uma experiência de conhecimento em uma pequena cidade da Argentina:

A year ago I was travelling to Argentina and stayed in a very small town, and became friends with someone there who was running a restaurant and he took me to meet this guy who was a cherry farmer outside the village. And we sat there and drank wine then he told me [incompreensível] what it was like for him to, you know, have his life even though he didn't have a lot of money on his account, you know, he felt like a rich man because he actually owned lot of properties. He thought people from Europe would look at the way he lived his way and think he was a poor man, but the actual fact is that he didn't have any debts and owned a lot of lands. He was very happy with what he did

A experiência que a mochileira acabou passando ao visitar esse homem nessa pequena cidade mostrou lados diferentes de como o pensamento dos indivíduos mudam dependendo do local, como por exemplo, a comparação de que se outras pessoas da Europa vissem o homem, provavelmente, diriam que ele era um homem pobre, porém, ele se sentia rico por conta das propriedades. Logo, o capital financeiro já não importava tanto para o homem, assim como se pensa em grande parte do sistema capitalista, mas as terras, o que ele tinha em sua propriedade era o que o fazia rico. Esse tipo de experiência que a mochileira esbarra na mentalidade, na lógica do capital que muitas vezes está dentro da mentalidade dos indivíduos. E como se pode ver, provavelmente

não seria possível a mochileira ter passado por tal experiência se não tivesse hospedada em um albergue e ter conhecido outras pessoas para indicá-la tal local que acabou conhecendo.

De fato, percebemos que a liberdade de escolhas e o roteiro não fixo dos mochileiros acaba criando experiências de viagem que são transformados em conhecimento e a partir do conhecimento acaba-se criando uma filosofia mochileira que está intrinsecamente ligada com a filosofia alberguista. Há uma separação entre as duas. Logo, há um ciclo entre experiência, conhecimento e filosofia.

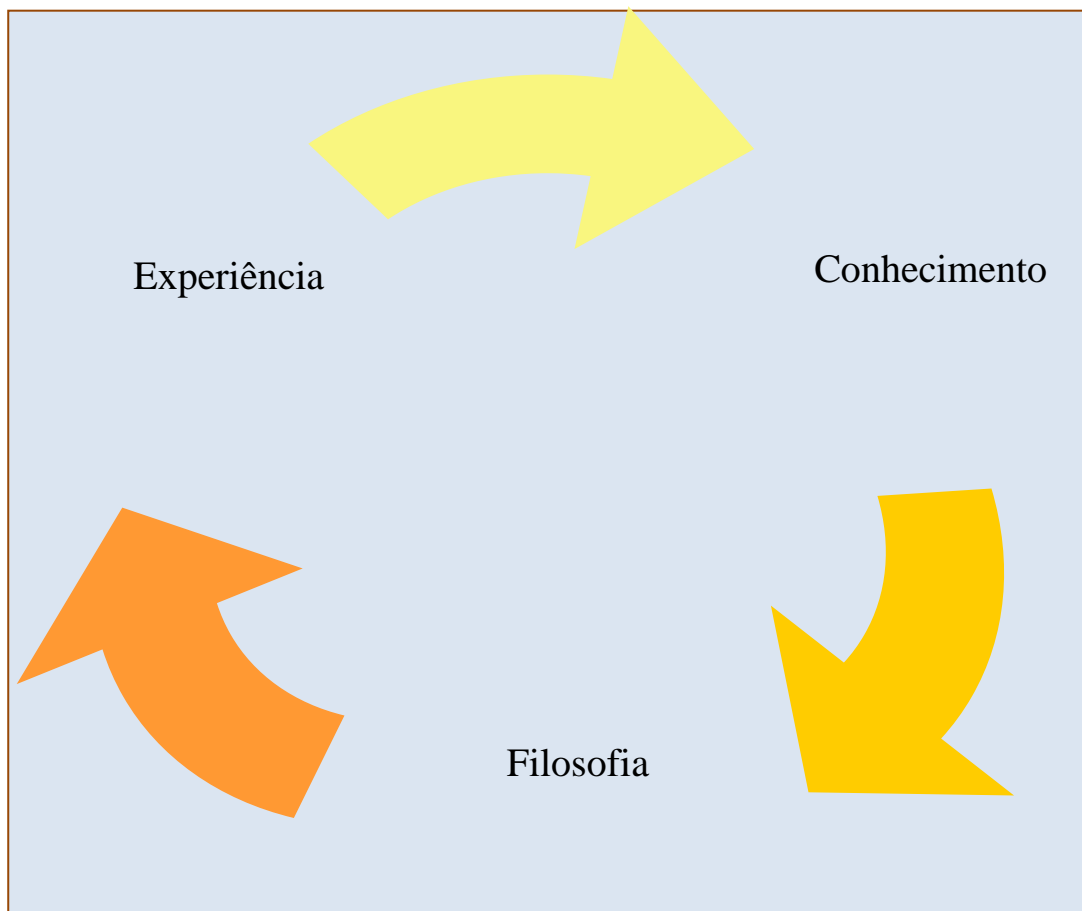


Figura 1. Esquema das Trocas e Filosofia Alberguista

4.2 A simbiose perfeita: a filosofia alberguista & mochileiro

Certa vez conversava com um professor de Filosofia em uma lanchonete da universidade, e lá falávamos sobre a situação do Brasil, manifestações, a universidade e também sobre alguns teóricos que eu queria me aprofundar. E ele disse: “Paulo, onde a ciência para, a filosofia continua”.

O que é filosofia para nós, atualmente? A discussão seria enorme, pois há várias vertentes da filosofia e todas elas se complementam de alguma forma para o pensamento humano. A palavra vem do grego e significa “amor a sabedoria”. A filosofia sempre se interligou com questões humanas ligados ao pensamento, à verdade, a compreensão, e determinados autores, por conta da sua filosofia acabam sendo muito reconhecidos e grande parte de seus “ensinamentos” são colocados em prática pelos indivíduos. Por exemplo, a filosofia de Nietzsche com seus espíritos livres que são libertos de preconceitos idealistas, a filosofia de Jean-Paul Sartre e seu existencialismo ateu, onde os homens estão condenados a serem livres, Michel Foucault e seus ensinamentos de disciplina, Heidegger com o existencialismo cristão, Hannah Arendt propondo uma filosofia mais próxima ao homem sem as correntes capitalistas, e até os mais atuais como o esloveno Slavoj Žižek e suas preocupações na qual incorpora tanto autores da filosofia, como sociologia e antropologia.¹⁵

Em meio aos albergues percebemos que a filosofia de cada um muda conforme os mochileiros e não ao contrário. O albergue seria um meio para a filosofia, já que é um dos meios de hospedagens que os mochileiros tem mais afinidade de ir, de se hospedar. Porém, como a experiência se liga ao conhecimento, que por sua vez, se liga à filosofia, cada um desses mochileiros possui uma filosofia, que se complementa com a do albergue. Contudo, delimitando-se na filosofia do mochileiro, podemos dizer em palavras chaves, o que seria uma filosofia alberguista:

Seria uma filosofia do mochileiro toda àquela que por existência prega em suma a liberdade, o conhecimento, as trocas culturais, a relativização do pensamento, e suas outras ramificações.

Com isso, a filosofia do albergue seria intrinsecamente ligada à filosofia do mochileiro, porque é preciso que haja um ambiente próprio para que esse tipo de filosofia acabe se “espalhando”, o albergue é algo fixo que está em várias cidades do mundo, porém, como se fossem uma igreja, um culto, consegue aglomerar vários tipos de pessoas com uma determinada filosofia para poderem trocar experiências, cultura, conhecimento.

¹⁵ Não esquecendo que vários autores também discutem a filosofia como Karl Marx em seus Escritos Filosóficos, Emile Durkheim em Sociologia e Filosofia, onde propõe que a sociologia pode ajudar a Filosofia a explicar alguns problemas, além de Descartes, Kant, e os clássicos como Aristóteles, Platão etc.

Assim, ao vermos que os albergues tomem uma postura de criar uma filosofia para eles, ao mesmo tempo, essa filosofia é de quem o visita; não da hospedaria. O albergue como meio, é realizador para o mochileiro, que não precisa somente de uma cama para dormir à noite, mas sim, de compartilhar em algum sentido, a experiência que passou e perpetuar a sua própria filosofia dentro do albergue, e com outros mochileiros.

4.3 Das Trocas Culturais e a sua operação socializadora

No preambulo alguns comentários a cerca das trocas culturais foram desenvolvidos. Com a discussão de que a liberdade (de viajar, de conhecer, de experimentar) acaba criando a experimentação (da cultura tanto material quanto imaterial) e em seguida a criação de uma filosofia que está imbricada nos mochileiros, e esses perpassam para os albergues, agora é hora de mostrar como as trocas culturais permeiam todas essas manifestações.

As trocas culturais acontecem há todo momento dentro de um albergue, mas elas não ficam estritamente dentro do albergue, as trocas culturais estão para além da hospedaria, estão em cada saída, a cada contato com outro mochileiro e das conversas, trocas de experiências, de roteiros que todos acabam realizando dentro ou fora dos albergues.

O mochileiro como turista também é claro, contribui com outros tipos de trocas, como por exemplo, econômicas com a própria cidade, mas reduzir as trocas a somente algo econômico não é o objetivo. As trocas não devem ser reduzidas somente a algo econômico, pois tudo o que está por trás também são trocas culturais, de amabilidade, e de outros bens que estão além do tangível (MAUSS, 2011).

Contudo, essas trocas, de certa forma, acabam perpassando os limites dos albergues e indo até as redes sociais. Facebook, twitter, whatsapp, vibe, qualquer que seja o aplicativo ou rede social os mochileiros e hospedes dos albergues acabam usando para comunicação entre si. Segundo (BAUMAN, 2004) as relações atuais (não só de relacionamento pessoal, conjugal) estão cada vez mais fragilizadas e fragmentadas, tornando-se cada vez mais líquidas e propensas a se diluírem a qualquer momento. Entretanto, as relações que os mochileiros fazem um com os outros é incomum, já que ao mesmo tempo que se conhecem, acabam indo a lugares diferentes juntos, conhecendo outros lugares; se estão indo para o mesmo lugar, acabam indo juntos, pois é uma seguridade de que terão um ao outro para o que acontecer, para aprender juntos. Encontrei dois chilenos que viajavam de carro e estavam parados em um albergue na cidade, eles ficavam em albergues muitas vezes para

conhecer pessoas diferentes e que também estão dispostos a viajar como eles, de carro, para conseguir também mais dinheiro, contribuições etc. Estavam à procura de emprego em Manaus pois queriam ir à Tabatinga, porém, seria necessário R\$3,000 para transportar o carro e mais quatro pessoas. Esse tipo de convívio acaba formando vínculos, já que para eles, oferecêrem caronas, dormir em albergues, carros, é algo totalmente normal, e acabam conhecendo muitas pessoas durante o tempo que viajam.

Com o surgimento das redes sociais é mais fácil com que os viajantes acabem se encontrando novamente, ou até mesmo, dando hospedagem no país de origem. Por conta dessa interação em redes sociais e de outros aplicativos surge um novo seguimento de hospedagem, que é o *couchsurfing*. O *couchsurfing* surgiu em 2004 com quatro pessoas: Casey Fenton, Daniel Hoffer, Sebastian Le Tuan e Leonardo Bassani da Silveira. A idéia surgiu a partir de um e-mail mandado para estudantes da Islândia que poderiam compartilhar a casa com “estranhos” ou como eles mesmos dizem “amigos que ainda não conhecemos”. A premissa do *couchsurfing* é basicamente a mesma que as dos albergues, segundo o site, as principais premissas são: poder conhecer habitantes de todo mundo, experimentar o mundo; aprender sobre a cultura e praticar uma língua (COUCHSURFING).

Algo que o *couchsurfing* procura também é a aprendizagem, as trocas culturais, trocas de experiências, porém, na casa dos habitantes de determinado lugar; o que se assemelha muito a filosofia dos albergues, segundo o site do *couchsurfing* o principal objetivo é “*Couchsurfers share their lives with the people they encounter, fostering cultural exchange and mutual respect.*”¹⁶ (COUCHSURFING). Atualmente o *couchsurfing* conta com uma rede de 6 milhões de “associados” em mais de 100 mil cidades pelo mundo.

As redes que se formam por conta da aprendizagem, experiência, liberdade nos albergues acabam se ramificando e formando outras como o *Couchsurfing*, ficar na casa de um “estranho” é confuso para muitas pessoas, já que não se conhece, mas por conta dos pontos de sociabilidade que ela faz no decorrer do período ela acaba tornando-se uma pessoa “confiável”. O que traz reflexões sobre a questão de que a os dois meios de hospedagens buscam, de certa forma, trazer algo mais “amigável” e menos individualizante; como nos albergues com os quartos coletivos e o *couchsurfing* na casa dos “nativos”. Muitos teóricos como Sennet, Bauman, Giddens vem apontando para a individualização cada vez maior e a proposta do mundo globalizante de se

¹⁶ Tradução: Couchsurfers compartilham suas vidas com pessoas que encontram, promovendo o intercambio cultural e o respeito mútuo.

continuar desta forma. Contudo, nesses ambientes e redes socializantes vemos que a individualidade é presente (por cada um ter a sua de viajar, sair etc.) e ao mesmo tempo uma coletividade enorme por conta do próprio ambiente, e essas regras e coletividade estão ligadas intrinsecamente com a questão dádiva, do dom, já que ele caminha para as trocas, para sociabilidade. Então, a desconfiança, egoísmo e os sentimentos pertinentes na sociedade capitalista moderna acabam perdendo força quando a dádiva entra em ação já que ela é por si socializadora:

O dom não é de maneira alguma “desinteressado”. Simplesmente ele privilegia os interesses de amizade (de aliança, de amãncia, de solidariedade etc.) e de prazer e/ou de criatividade (...) Ele é um movimento que, para os fins da aliança ou (e) de criação, subordina os interesses instrumentais aos interesses não instrumentais. Às paixões (CAILLÉ, 2002).

Em suma, podemos dizer que as trocas culturais se manifestam em todos os hóspedes, mesmo aqueles que não sejam mochileiros, até aqueles que só usam para concursos também são de certa forma, socializantes pelos dons por conta de outras pessoas que conhecem e que vão fazer o mesmo concurso e começam a fazer grupos de estudo etc. O dom, é o primórdio das trocas culturais, e o albergue é um espaço que contribui para essas trocas.

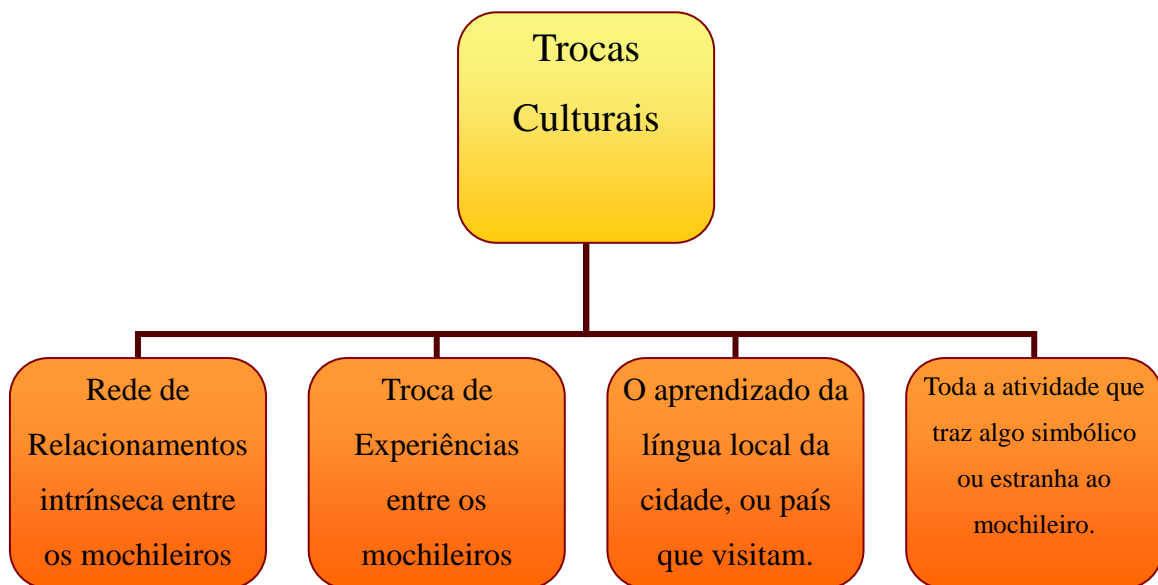


Figura 2. Esquema das Trocas Culturais entre os hóspedes

Capítulo II

Filosofia antiga, História Nova

5. A História dos Albergues ¹⁷

A história dos albergues é antiga, mas a história dos albergues de Manaus não é tanto assim. Conversei com três proprietários de albergues na cidade e tentei resgatar a história de cada um e o seu envolvimento com ramo. As conversas foram interessantes e tentei extrair questões relativas a políticas públicas, organização etc.

5.1 Um *green card* para a Amazônia – Hostel Manaus

Era uma tarde de sexta e eu entrara no albergue *Hostel* Manaus situado na rua Lauro Cavalcante, e finalmente conseguira marcar a entrevista com o proprietário do albergue (que estava viajando para o Alto Rio Negro) e terminaria mais uma etapa do trabalho. Alexander tem pouco mais de trinta anos e morava na Austrália. A relação de criação de um albergue com a sua vida pessoal é perceptível. Desde a sua infância, ele e os irmãos viajavam pela Austrália para competições de natação, e segundo Alexander, sua mãe sempre se hospedava em albergues por conta de ser uma hospedaria mais barata, aos treze anos viajou para os Estados Unidos com a sua mãe e se hospedou em vários albergues já como sócio do *Hostelling International*.

Logo depois de ser graduar em Psicologia no país de origem, decidiu viajar pela Ásia onde trabalhou alguns anos ensinando inglês para a população dali, onde conseguiu um dinheiro razoável para poder sair de mochilão pelo Brasil. Começou a sua viagem pelo sul e subiu até o norte do país onde se deparou em 2004 que ainda não havia albergues na cidade de Manaus. Alexander sempre quis conhecer a Amazônia e a criação de um albergue na cidade de Manaus seria perfeita para juntar a paixão de viver na Amazônia e ao mesmo tempo ter como se sustentar. Então, ele voltou mais uma vez para a Ásia a fim de conseguir mais capital para investir no albergue. Ao voltar comprou o prédio que se localiza na Rua Lauro Cavalcante e conseguiu a “bandeira” do *Hostelling International* (Alexander já possuía carteira de sócio no *Hostelling International*) a maior franquia de hospedagem do mundo, segundo ele, ter a bandeira do HI é de grande ajuda por conta de a franquia possuir seu site e ter cartão fidelidade, além de chamar atenção; há vistorias de ano em ano por membros do *Hostelling International* para verificar as condições de funcionamento dos

¹⁷ Infelizmente só pudemos capturar a história de dois albergues: Manaus Hostel e Hostel Manaus. O albergue Gol Backpackers forneceu dados de fluxo entre outros, porém, a história está incompleta, logo, será algo muito breve. Isso se dá por conta dos donos terem mais três franquias no país e estarem sempre viajando.

albergues. Ao construir um albergue conseguiu visto de investidor no Brasil e está aqui desde 2006 (ano de criação do albergue) e segundo ele, o Hostel Manaus foi o primeiro albergue do estado e da cidade de Manaus. Atualmente, o albergue conta com grande movimento e fluxo de hospedes; possui lavanderia, salas de convivência, quartos coletivos e individuais, uma área de recreação acima do prédio e com uma estrutura que atendem os hóspedes; para Alexander a estrutura e filosofia dos albergues estão baseadas em um lugar para interagir, conversar, ter áreas de convivência onde cada hospede pode conversar, saber o próximo destino. A estrutura de um albergue, segundo ele, o primordial é haver beliche, ter áreas de convivência; televisão, frigobar dentro dos quartos não é “uma boa”, segundo Alexander, por correr o risco dos hóspedes ficarem dentro do quarto e não interagirem com os outros.



Figura 3. Fachada do Hostel Manaus com alguns hóspedes

Há uma agência de turismo em parceria com o albergue que auxilia a venda de pacotes turísticos aos hóspedes. Os pacotes são variados, em sua maioria para passeios em selva etc.¹⁸.

Segundo Alexander, tanto o governo do estado, quanto a prefeitura não dão suporte para o segmento dos albergues, e não existe uma política para esse segmento do turismo; o desconhecimento dos albergues para ele reflete até mesmo o que as pessoas pensavam (ou ainda pensam) sobre os albergues, onde várias pessoas dormem em um só quarto; e Alexander ainda brinca “é claro, é um albergue (risos)”. E diz que os turistas gostam, por conta de ser uma opção mais barata e de gostarem de se comunicar.

Em sua maioria, são hóspedes que estão interligados ao *Hosteling International*. Alexander ainda conta com uma pousada que, segundo ele, brevemente irá inaugurar em São Gabriel da Cachoeira. Percebe-se que a história de criação do albergue deu-se muito por conta da experiência própria de Alexander como mochileiro e da necessidade de ficar em algum lugar parecido que lembrava sua infância e baratos que ele passou em outros lugares do mundo e do Brasil. Atualmente, o albergue conta com funcionários em sua maioria provenientes de outros países como Colômbia e Haiti. O albergue conta com informações suficientes para orientar os hóspedes quanto a ônibus, festas etc.

5.2 Um albergue familiar

Fazia um tempo que procurávamos a proprietária do Manaus Hostel, - Paula Pereira – todas as vezes que íamos ao albergue (eu e Thaís Queiroz¹⁹) Paula estava viajando ou só se encontrava no domingo pela manhã. Fomos ao albergue em um domingo e quando havíamos chegado lá, Paula acabara de ir embora, já era muito tarde. E então, decidimos ir pela manhã num domingo. Acordar cedo, e ver o centro tranquilo, só com a feira da Eduardo Ribeiro, algumas pessoas indo para a missa, sem o ar de poluição e massas passando para lá e pra cá.

Chegamos ao albergue e Paula estava tinha acabado de chegar à recepção, ela é uma pessoa de fala rápida e agitada, sempre está andando de um lado para o outro e fiz a entrevista enquanto ela fazia check-in e cuidava de algumas coisas do albergue.

¹⁸ Em todos os albergues pesquisados há uma agência de turismo interligada para realizar esse tipo de passeio; nas próximas páginas há uma descrição dos principais serviços oferecidos.

¹⁹ Thaís Queiróz minha parceira de campo. Ela realiza uma pesquisa em albergues sobre o comportamento dos mochileiros com ênfase em Turismo.



Figura 4. A proprietária Paula Pereira atendendo hóspedes

O Manaus Hostel foi inaugurado em Julho de 2007 por Paula Pereira e seu sócio Milton Marubayashi. Segundo ela, já em 2006 ela havia começado a reforma da casa onde fica o albergue (Rua Costa Azevedo) e os trâmites para a abertura oficial, como razão social, página na web, e burocracias do estado.

Paula Ferreira viaja muito pelo mundo e se considera uma turista de carteirinha, porém, não se hospeda muito em albergues. Segundo ela, a ideia de abrir um albergue na cidade de Manaus foi quando viajou sozinha para Chapada da Diamantina em 2005 e ficou hospedada em um albergue, cujo proprietário era Argentino, e em uma conversa acabou percebendo que não existia albergue em Manaus e ao voltar conversou com seu sócio sobre a abertura do Manaus Hostel.

Sendo assim, logo após as reformas foi inaugurado o Manaus Hostel em Julho de 2007. A proprietária nunca havia trabalhado com o ramo de turismo anteriormente, Paula Pereira é assistente social ligada à área de saúde e advogada; após a abertura do albergue, começou a se especializar com o SEBRAE e ir a feiras de turismo pelo Brasil.

Para ela, a estrutura mínima de um albergue seriam os quartos compartilhados, quartos privados (se houver estrutura na casa), os banheiros que devem ser distintos para maior privacidade das mulheres, cozinha, wi-fi, e informações sobre a cidade.

Sobre o principal atrativo da cidade para os turistas, Paula afirmou que a cidade é apenas um ponto de partida para a selva. Segundo ela, o turista fica pouco tempo na cidade, sendo só um ponto de apoio em questão de alimentação, passagens etc. Assim, a cidade acaba tornando-se um lugar de passagem para outros lugares, como uma heterotopia (FOUCAULT, 1997) e uma cidade que tem de tudo para satisfazer o turista (YÁZIGI, 2001).



Figura 5. Fachada do Manaus Hostel

Há ainda as questões dos serviços que são oferecidos para os turistas. Sobre o assunto, a proprietária afirma que muitas vezes os turistas acabam se hospedando em hotéis de selva que não são legais e assim contribuem para que esse tipo de turismo acabe se fortalecendo na cidade. Esse turismo “ilegal” muitas vezes acaba trazendo transtornos para os hospedes como perda de passaporte, documentos, ou até mesmo dinheiro. Grande parte dos turistas vem sem um pacote fechado, definido; acabam deixando para pesquisar preços etc. na cidade de destino com as agências

de turismo. Já outros turistas que possuem um padrão de vida mais alto como coreanos e suecos já chegam com pacotes turísticos fechados e a própria agência de turismo acaba indicando o albergue só para ficar na cidade até ir à selva.

Quanto à questão de incentivos dos órgãos responsáveis pelo turismo no Estado e cidade as dificuldades são principalmente na compra de passagens áreas/rodoviárias para os turistas estrangeiros. Muitos sites acabam pedindo CPF (Cadastro de Pessoa Física) que os turistas não possuem e a compra não é liberada por conta disso. Enquanto em outros países só é preciso à apresentação do cartão de crédito para a compra, como observa Mark em entrevista:

“Una otra cosa que no me gusta para turistas en Brasil, es que para comprar una pasaje de un vuelo en el internet, se necesita un CPF, que no tenemos. A veces no es necesario, pero todavia la tarjeta de credito extranjero no es aceptado (Graaf, 2012)

Atualmente, o Manaus Hostel conta com quatro funcionários em três turnos. E tem convênio com uma agência de turismo.

5.3 A visão de quem vende o exótico amazônico: entrevista com uma agência de turismo

É comum observar escritórios de agência de turismo dentro de albergues, propagandas, *folders* etc. Entrevistamos Otávio Figueira que trabalha há seis meses no Gol *Backpackers* e com a agência Iguana Turismo que é localizada na Rua 10 de Julho, bem próximo ao albergue. Otávio explicou os tipos de pacote e quais são as atividades que os turistas acabam realizando no passeio.

Segundo ele, existem dois tipos de passeios. O primeiro que é um passeio da floresta pode durar até sete dias, ou no mínimo, dois dias de duração; e outro de somente um dia de duração, que é um passeio dos botos. Quanto aos preços, a diária para o passeio na floresta é dividida em dois valores: no quarto coletivo o valor fixado em R\$130,00 por pessoa; e no quarto privativo R\$160,00 por pessoa; o valor inclui água, comida, transferência, guia; apenas as bebidas alcoólicas são pagas a parte.

No passeio pela floresta os turistas são levados à Reserva do Rio Juma, uma Reserva de Desenvolvimento Rural Sustentável coordenada pelo CEUC (Centro Estadual de Unidades de Conservação) e a SDS (Secretaria de Desenvolvimento Sustentável) que fica a 227,8 km de

distância de Manaus em linha reta e 300 km via fluvial. (Plano de Gestão da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Juma, 2010).



Figura 6. Morador da Reserva do Rio Juma em Canoa (Foto: Luciana de Francesco)

A reserva do Juma foi criada em julho de 2006 pelo decreto 26.009 e possui uma área de 589.611,28 hectares e se localiza no município de Novo Aripuanã no Estado do Amazonas. Dentro do seu plano de Gestão a reserva tem como atividades potenciais o turismo e dentro do programa de Geração de Renda um dos objetivos é *“Implementar atividades de turismo de natureza (turismo de aventura, observação de pássaros) e, o turismo de base comunitária.”* e *“Fomentar a criação de associação de guias de turismo e piloteiros para apoiar a atividade turística e capacitar essa associação”* (Plano de Gestão da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Juma, 2010).

Durante o percurso até a Reserva do Rio Juma os turistas passam pelo encontro das águas, e ao chegarem do outro lado do rio, entram em um carro e podem ver lagos, vitórias-régias, vida animal etc, contudo, sem parar. Chegam pela hora do almoço ao hotel de selva e às 15h00min começa a pesca de piranhas e de outras espécies, na mesma atividade o guia mostra os igapós e outros biomas amazônicos para os turistas, após essa atividade há contemplação do pôr-do-sol e os turistas podem nadar em frente ao hotel, antes ou depois do jantar a atividade de focagem dos jacarés começa por volta de 20:00h em seguida o guia explica as espécies capturadas e ao findando a atividade os turistas se recolhem para dormir. No outro dia, as atividades começam por volta de 05:30h com a observação do nascer do sol e o despertar da vida animal e um passeio até às 07:00h (no momento que é servido o café da manhã no hotel). Às 09:00h começa o *tracking* com duração de duas horas e meia onde o guia mostra as plantas medicinais, a floresta e com sorte, é possível ver preguiças, macacos e outros animais. Após a atividade vem o almoço e às 13:30h da tarde o retorno. Esse é um pacote de apenas dois dias na floresta, dependendo da disposição do turista (e do capital) eles podem ficar mais dias e aproveitar outras atividades como o acampamento na floresta à noite e na manhã seguinte visitar a casa de caboclos no interior da reserva. Essa casa é de uma senhora (ele não sou informar o nome) e que mora com mais quatro pessoas, os guias são nativos e chamam-se Ralph e Alan.

A alta temporada é no mês de julho até meados de setembro e janeiro até março, a baixa temporada é entre os meses de novembro e dezembro.

Nos passeios dos botos os turistas são levados à Reserva Ecológica do Lago Janauari que fica à uma hora de barco de Manaus e faz parte do município de Iranduba. Os turistas saem do albergue às 08:30h da manhã e vão direto para o Encontro das Águas (Rio Negro e Solimões), logo após “sobem” para o Lago Janauari e os turistas podem observar a vida animal; como aves, animais etc. Após essa atividade, os turistas fazem um pequeno *tracking* pela floresta de vinte a trinta minutos, até o horário do almoço. Logo após o almoço os turistas são levadas a uma aldeia indígena onde “observam” a cultura indígena etc. e mais tarde há o passeio com os botos onde pode alimentar, nadar etc. O passeio termina por volta de 17h.

É de observar que a exploração do turismo são em áreas de proteção ecológicas como no Parque Ecológico quanto na RDS do Juma. No site da Manauscult há incentivos para a exploração turística do Lago Janauari e no Plano de Gestão da RSD do Juma o mesmo. Por conta disso há certa semelhança em aspectos de política públicas anteriores de outros órgãos do governo federal, como

por exemplo, no incentivo do INCRA na abertura de terras na Amazônia brasileira. Por conta disso, temos duas situações diferentes, uma econômica e outra simbólica.

A primeira seria de que o turismo sustentável acabaria trazendo fonte de renda para as famílias que vivem dentro da reserva por conta de poderem vender peixes, de se tornar especialistas em ser guias, usar o seu conhecimento tradicional para isso, e de fato, é o que acontece em grande parte do turismo comunitário. Porém, como observa (KRIPPENDORF, 1989) o turismo “alternativo” ou esse turismo “sustentável” acaba de certa forma ele mesmo degradando por conta da entrada de várias pessoas nesse ambiente que seria “desconhecido” até então por grande parte da população. A segunda seria de nível simbólico. Como Lévi-Strauss observa em *Tristes Trópicos* o exotismo é vendido de todas as formas, desde revistas, até por programas de tv, e o interesse pelo mesmo é cada vez mais intencionado, fazendo com que vários indivíduos viagem à Amazônia, Nova Guiné, África; para sentirem algo diferente e exótico, para sentirem-se diferente, de certa forma. Os habitantes que vivem nestes locais já tem sua cultura interligada diretamente com às águas, terras e florestas de trabalho (WITKOSKI, 2010) durante muito tempo e a sua reprodução simbólica acaba sendo por esses fatores. Contudo, com a entrada do turismo, a necessidade desses habitantes se acostumarem com os fatores de comida, hospedagem, conviver com outras pessoas, acaba tomando outro viés de que: a reprodução simbólica da própria cultura está interligada a uma estrutura estruturada (capitalismo) e sendo assim, se reproduz não mais por conta da sua própria reprodução, mas sim, por bases do que outros querem ver (BOURDIEU, 2012). Logo, há uma fachada no meio desses indivíduos que eles mostram o que querem (GOFFMAN, 2003) e essa imagem muitas vezes acaba se tornando estereotipada tempos depois.

5.4 O lado governamental: o desconhecimento dos albergues

Em trabalhos anteriores sempre trabalhei com políticas públicas e incentivos para vários seguimentos. E nesse trabalho senti a necessidade de mostrar a opinião do governo sobre os albergues e se há algum incentivo para eles. Na fundamentação teórica, foram apontados certa perspectiva para os albergues e sua inclusão no turismo por conta do alto número de mochileiros viajando pelo Brasil. Contudo, no Amazonas, as políticas pública dos albergues parecem não existir. Em entrevista encaminhada por e-mail à Secretária da AMAZONASTUR em exercício foram respondidas oito questões, na qual seguem na íntegra as respostas, que por sua vez, são esclarecedoras e autoexplicativas.

1) Existe alguma política do Estado para os albergues?

R: Não há uma política de incentivo a implantação de novos albergues. Mas os albergues, assim como os demais meios de hospedagem são acompanhados pela AMAZONASTUR, no sentido de orientá-los para a qualidade na prestação de serviços, segundo a Legislação vigente.

2) Quais são os albergues registrados na AMAZONASTUR?

R: Na realidade nenhum albergue ou qualquer empreendimento precisa se cadastrar na AMAZONASTUR; o cadastro obrigatório tem que ser realizado no Sistema CADASTUR, do Ministério do Turismo, que para empreendimentos turísticos do Amazonas, e aí se incluem os albergues, a AMAZONASTUR valida o cadastro, função esta delegada pelo MTur. Segundo o nosso levantamento, o Amazonas possui 5 albergues; porém apenas 1 (um) está registrado no CADASTUR, o Manaus Hostel.

3) Existe algum tipo de diferença entre hóspedes dos albergues, hotel, pousada?

R: A partir de dados primários que são enviados pelos meios de hospedagem e coletados em pesquisas realizadas pela AMAZONASTUR, pode-se intuir que há diferenças sim; porém, este Órgão ainda não realizou um Estudo para caracterização dos hóspedes do albergues para revelar pelo método científico essas diferenças, até por conta do baixíssimo número de instalação deste tipo no Estado.

3) Quais as perspectivas da AMAZONASTUR para os albergues?

R: As perspectivas que a AMAZONASTUR tem no âmbito de sua competência, é que os albergues que se instalarem em nosso Estado prestem serviços de qualidade obedecendo a Legislação vigente, garantindo a satisfação e segurança dos hóspedes.

5) Os albergues tem influência significativa para a atração de turistas do Estado?

R: Como não foi realizado um Estudo sobre caracterização de turistas de albergue, ou mesmo um Estudo sobre competitividade desta modalidade de meio de hospedagem, torna-se difícil mensurar a significância destes no sentido de atrair turistas para o Estado.

6) Como se caracteriza um albergue segundo a AMAZONASTUR?

R: Não é competência da AMAZONASTUR caracterizar meios de hospedagem; nossa competência quanto aos meios de hospedagem é de empregar a Legislação vigente e orientar para seu pleno cumprimento. Para saber mais sobre esse assunto, acesse: www.turismo.gov.br/turismo/legislação.

7) Quais são os tipos de hospedagem registrados pela AMAZONASTUR até o momento?

R: A AMAZONASTUR validou cadastros de meios de hospedagem no CADASTUR, nas modalidades de hotel, pousada, resort, alojamento de floresta, flat/apart-hotel, cama e café, e albergue.

8) Os mapas, e outros meios de informação ao turista envolvem o turismo cultural?

R: Sim, os mapas criados pelo governo do Amazonas, por intermédio desta AMAZONASTUR, contemplam os principais pontos turísticos e culturais do Estado, de Manaus e de Parintins (três mapas distintos), indicados por índice, número e apontados no plano geográfico. Além disso, são mapas estilizados e lúdicos, onde os pontos turísticos são identificados com símbolos que remetem a cultura e ao folclore do Estado e da região.

5.5 Gol Backpackers.

Infelizmente, informações sobre o Gol Backpackers foram muito poucas, porém, seus proprietários ajudaram muito com os dados sobre os turistas. A história gira em torno dos irmãos Ralph e Alan Nicoliche que já possuem três franquias abertas pelo Brasil; duas em São Paulo e uma no Amazonas. O ideia surgiu a partir de uma viagem feita por Ralph à Europa; ao voltar para o Brasil decidiu abrir uma franquia com seu irmão e outro sócio, e agora já conta com três albergues. O albergue é de clima jovial, como diz, é um albergue para *backpackers* e ele contribui para que seja por conta das festas que acontecem praticamente todos os dias, a ida a bares, casas noturnas que são organizadas pelos próprios funcionários. Além de possuírem piscina, sinuca e muitas áreas de convivência em comum. A sua localização na Rua Barroso é muito favorável já que estão localizado a poucos passos do Largo de São Sebastião, e do Teatro Amazonas.

Capítulo III

Dos Fluxos

6. As idas e vindas ²⁰

Em qualquer estabelecimento de hospedagem há de se imaginar que há um grande vai e vem de pessoas, principalmente em hotéis. E realmente é o que acontece, nesse capítulo serão apresentados dados referentes a dois albergues de Manaus: Manaus Hostel e Gol Backpackers.

Quanto a quantidade total de turistas em ambos os albergues foi percebida uma amostra de 1382 turistas hospedados entre Agosto de 2012 e Março de 2013. Os que mais visitaram a cidade de Manaus, estão os brasileiros provenientes de outros estados, como se pode observar em tabela na página seguinte. Os brasileiros estão entre os que mais visitam Manaus, porém, há várias situações em que o brasileiro se hospeda em albergues: uma delas é a questão do valor por ter uma tarifa em conta, outro fator são os concursos públicos que são realizados no estado e que acabam criando uma demanda de outros estados, e esses “concurseiros” preferem se hospedar em albergue por ser mais barato e ainda por cima, encontram pessoas que estão com o mesmo objetivo e acabam estudando juntas, trocando experiências etc. Outro fator são de famílias que vem para a cidade e querem pagar mais barato, contudo, não se encaixam no ramo de mochileiros.

Quanto a questão de gênero, os homens estão em disparada em hospedagens em albergues como mostra o gráfico a seguir:

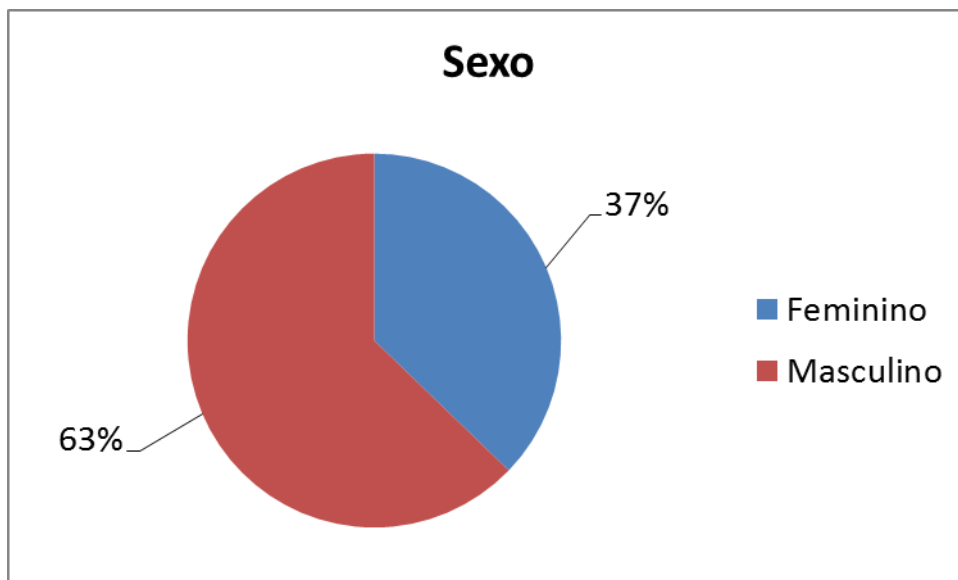


Gráfico 1. Gênero dos hospedes.

²⁰ Infelizmente, os dados do Hostel Manaus foram muito difíceis de serem coletados por conta de o proprietário estar viajando e sua preocupação em liberar dados de hospedes que são protegidos pelo sistema do Hostelling International. Assim, os dados aqui apresentados são do Manaus Hostel e Gol Backpackers compreendidos entre os meses de Agosto de 2012 e Março de 2013. E deixo aqui minha gratidão ao Rodrigo por sua ajuda na organização de dados.

Entre o período de Dezembro a Março de 2013 observou-se também a predominância do sexo masculino nos albergues como mostra o gráfico a seguir com dados do Manaus Hostel:

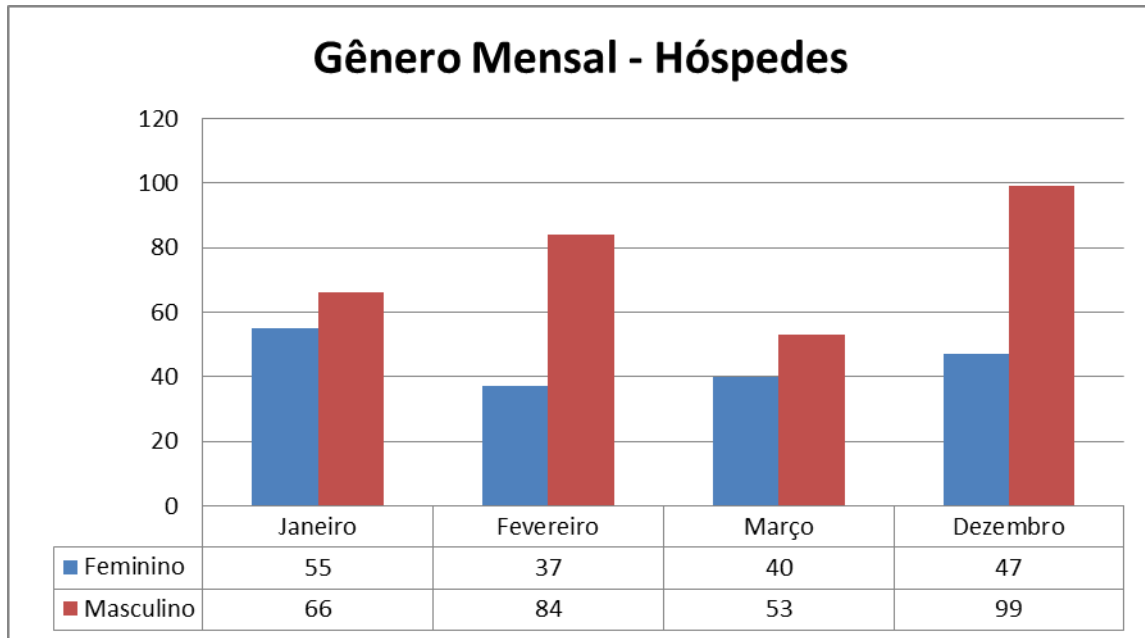


Tabela 1. Hospedagem de hóspedes do sexo masculino e feminino em Manaus Hostel

Segundo os próprios donos dos albergues as mulheres preferem planejar mais suas viagens e se mais observadoras quanto qual o local, a localização, o que oferecem, e por isso, em grande maioria elas realizam a reserva dos albergues para um grupo grande de pessoas. Os homens estão mais ligados à aventura, de conhecer o local e acabam não se preocupando tanto com as acomodações que estão. Isso é percebido por Bourdieu em A dominação masculina; onde observa que as mulheres estão interligadas ao “dócil” de estarem em áreas que sejam necessárias cuidados a mais, de se lembrar da casa, de algo materno, e de ter em visão que a hospedaria tem que ter o mínimo de conforto ou também que lembre a sua casa ou algum lugar.

No gráfico a seguir é mostrado a nacionalidade dos indivíduos e qual a presença deles em Manaus no mês de Agosto. Em agosto houve um total de 252 hóspedes do Gol Backpackers e Manaus Hostel:

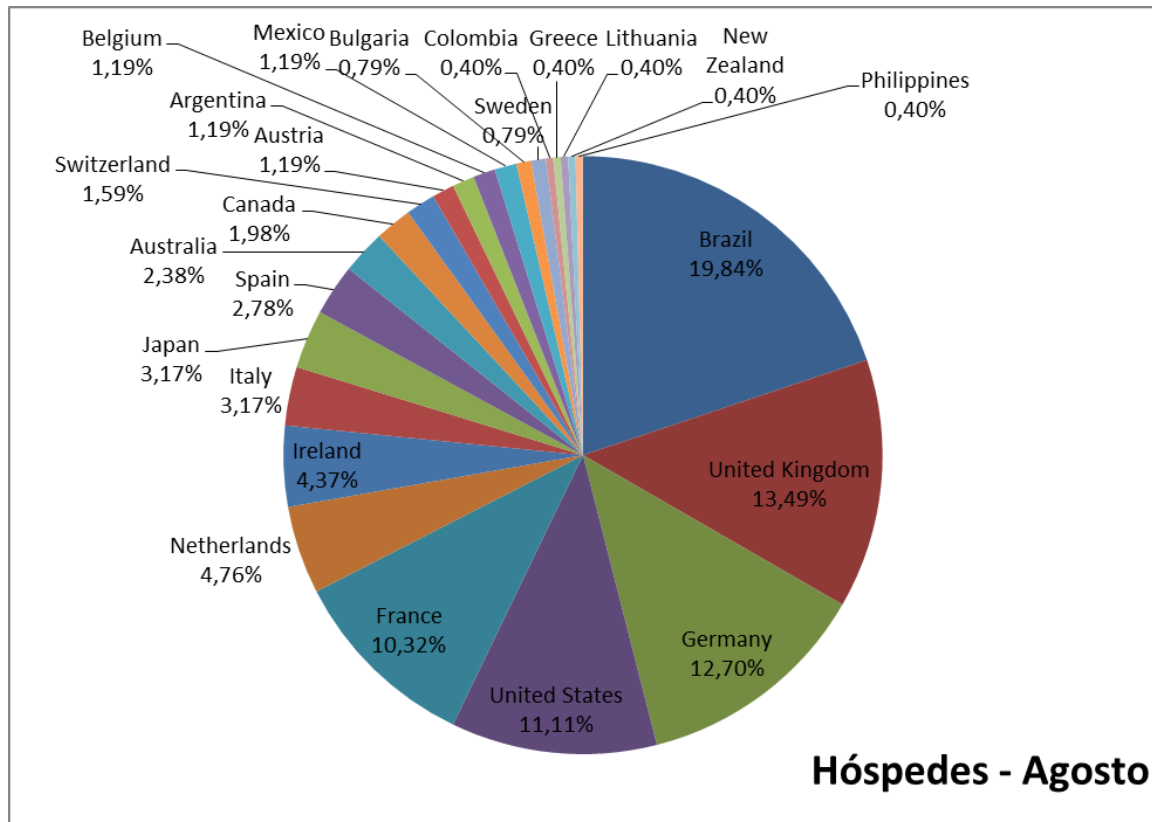


Gráfico 2. Hospedagens em Agosto de 2012

Os hóspedes mais frequentes são provenientes do Brasil, seguidos do Reino Unido, Alemanha, Estados Unidos e França.

Em Setembro foi observado o total de 243 hóspedes; e no mês foram observados mais países da América do Sul enquanto no mês anterior só haviam visitado a cidade de Manaus turistas provenientes da Colômbia e Argentina. Enquanto no mês de Setembro houve turistas da Venezuela e Peru. Apesar da proximidade entre Manaus e Venezuela por conta da BR-174, ainda é baixa a instalação de venezuelanos em albergues. E em outubro foi observado o total de 191 hóspedes.

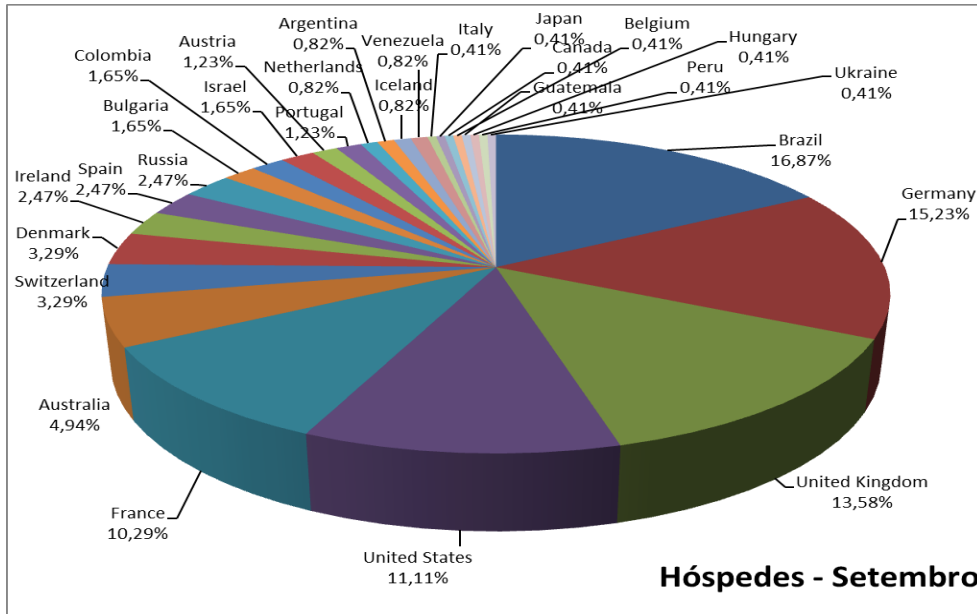


Gráfico 3. Hóspedes no mês de Setembro 2012.

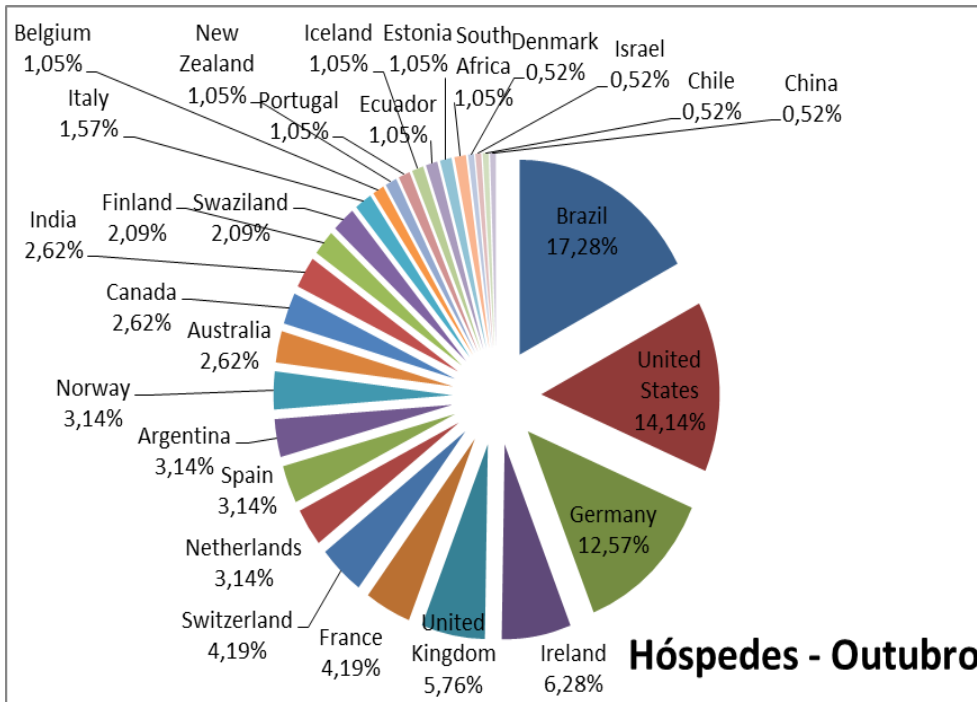


Gráfico 4. Hóspedes do mês de Outubro de 2012

Em novembro de 2012 foram observados 214 hóspedes e no mês de Dezembro um total de 146 hóspedes. Confirmando que a baixa temporada é entre os meses de Novembro e Dezembro, segundo os proprietários dos albergues.

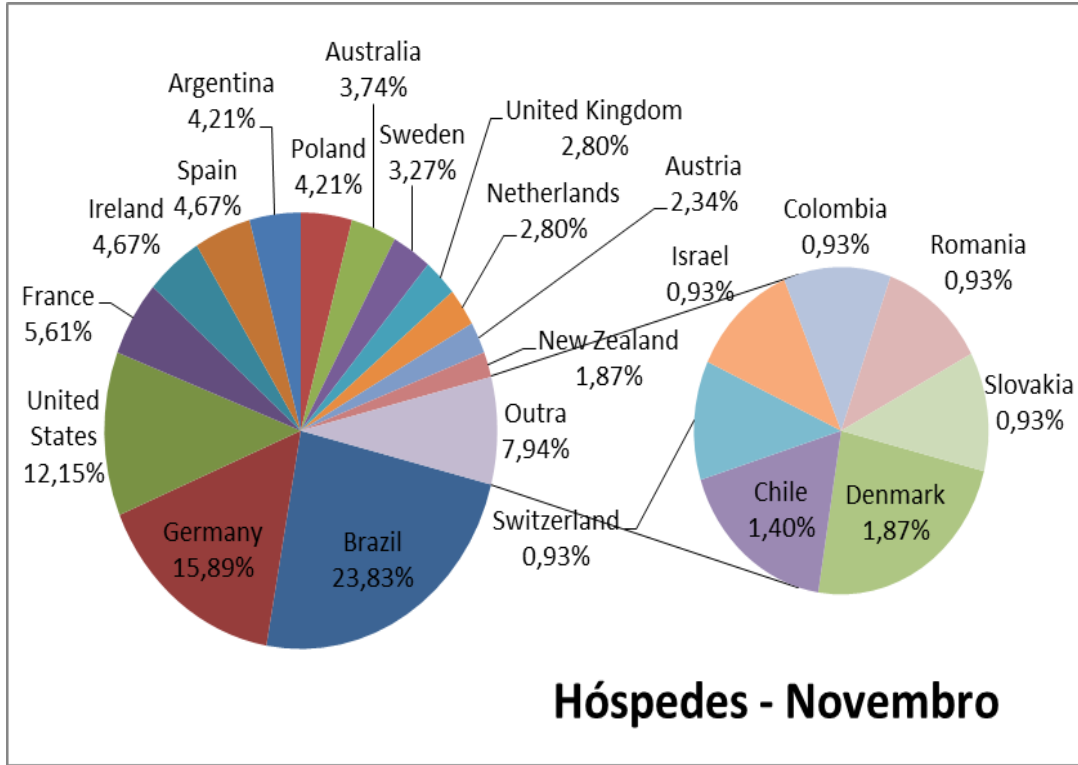


Gráfico 5. Hóspedes no mês de Novembro de 2012

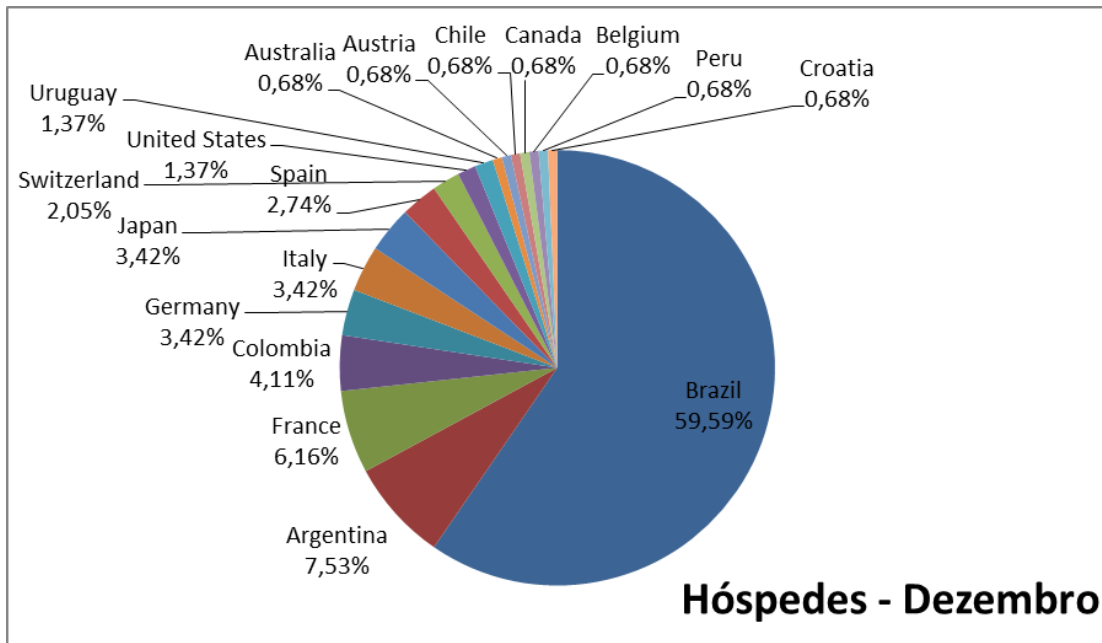


Gráfico 6. Hospedes no mês de Dezembro

Nos albergues observados em Janeiro e Fevereiro de 2013 se hospedaram em cada mês cerca de 121 turistas.

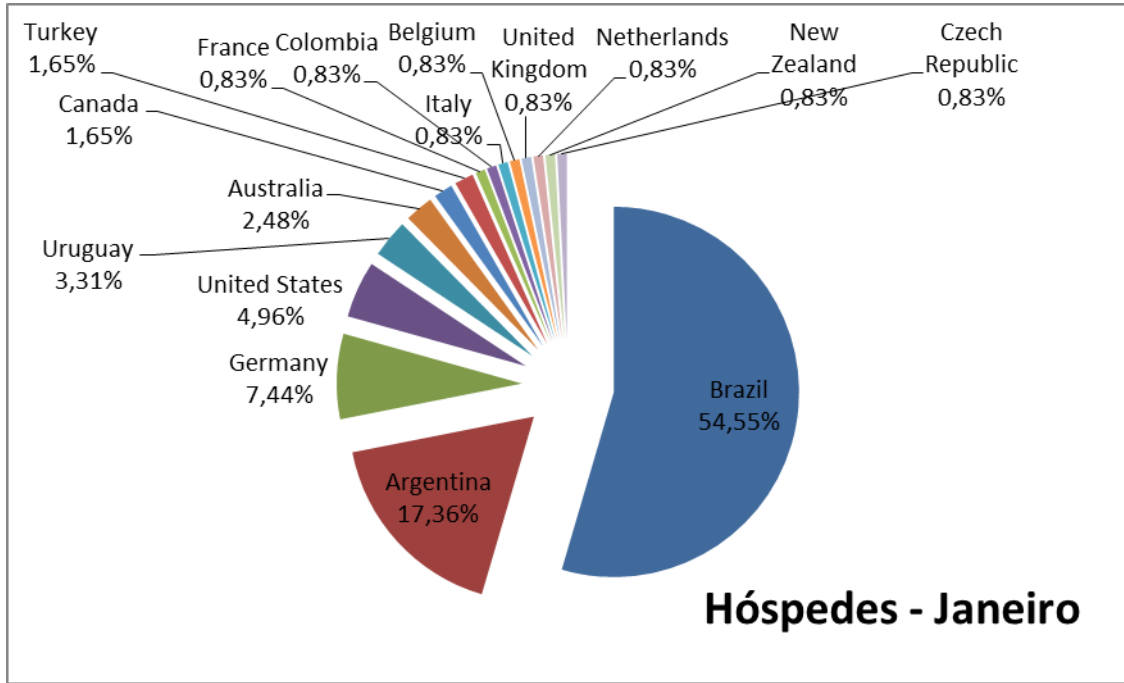


Gráfico 7. Hóspedes do mês de Janeiro

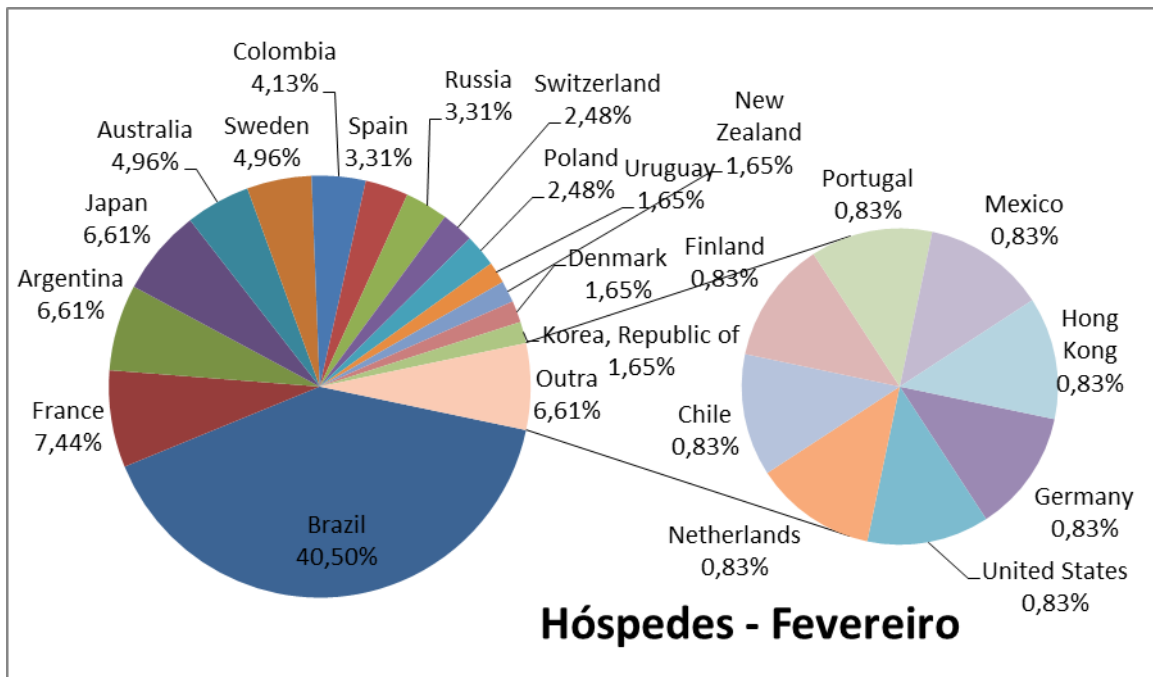


Gráfico 8. Hóspedes no mês de Fevereiro

No mês de Março é ainda menor o número de hóspedes nos albergues chegando a alcançar 93 hóspedes em ambos albergues pesquisados.

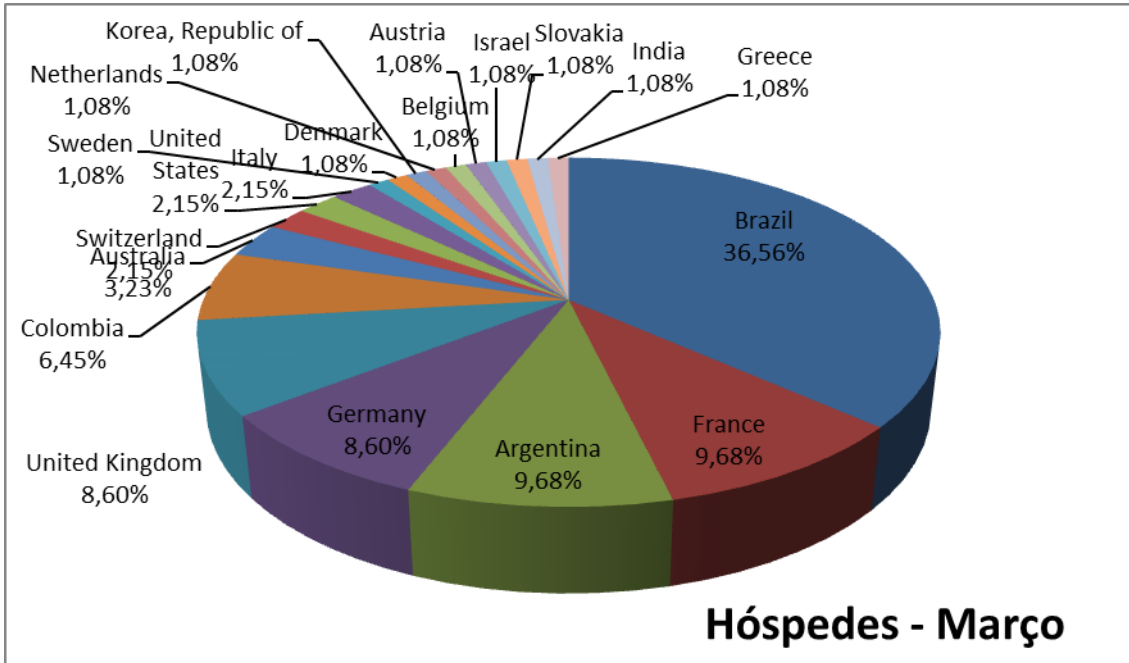


Gráfico 9. Hóspedes no mês de Março

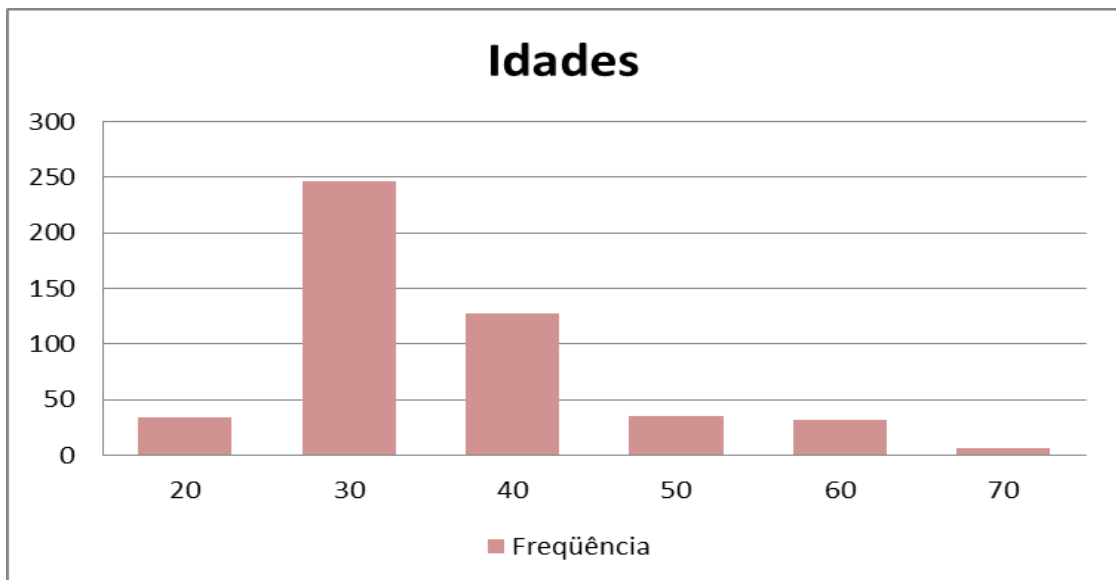


Tabela 2. Tabela de frequência de idade dos hóspedes

Grande parte dos hóspedes dos albergues estão na faixa de 30 anos, o que pondera também uma pesquisa feita entre 20 mochileiros nos albergues de Manaus, na qual foi possível identificar que:

Os dados apurados durante as entrevistas nos mostraram que o nicho que frequentemente se hospeda em albergues da juventude na cidade de Manaus, é majoritariamente de jovens entre 18 e 32 anos, em período de transição entre escola e universidade, recém-formados no nível superior ou de férias do trabalho e/ou faculdade (SOUZA, 2013).

O que sustenta também a questão de que os mochileiros são jovens, e os albergues em sua maioria são ambientes joviais, tanto esteticamente quanto pela filosofia.

7. Para não concluir

A missão de concluir um trabalho nas áreas de ciências sociais às vezes parece ser impossível por conta da complexidade dos temas que abordamos muitas vezes. Cobram resultados, cobram pareceres e muitas vezes acabamos por ser forçados a concluir algo, só para ter vários resultados e o trabalho ser aprovado.

O trabalho que acabei desenvolvendo o ano de 2012 e 2013 foi uma experiência tanto acadêmica quanto pessoal. E foi possível notar vários aspectos dos mochileiros, dos indivíduos que saem de seus lugares de origem para conhecer outros lugares e distanciar-se do mundo que ali vivem. Uma das primeiras é a abertura de diálogo entre os hóspedes, a confiabilidade mútua.

As trocas culturais dos mochileiros são levadas para o dia-a-dia tornam-se pessoas com maior capacidade de relatividade.

Quanto às questões governamentais foi possível identificar que o turismo alternativo no Amazonas está atrasado, apesar de terem políticas para o turismo sustentável, onde grande parte dos consumidores desse turismo também está os hóspedes dos albergues. Mas o desconhecimento dos albergues como hospedagem, e o esquecimento é um dado preocupante.

No mais, o turismo é uma forma de mudar o cotidiano, onde milhares de pessoas no mundo inteiro têm datas, um período para realizar essa atividade. A manutenção dela é importante para que haja maior compreensão entre as culturas, apesar, dela já estar impregnada de um sistema consumista e de venda de imagens; ela oferece uma vida contemplativa, algo que Hannah Arendt discorre em *A Condição Humana*.

A busca por entender a cultura dos outros é até hoje uma das motivações ao homem viajar, e os mochileiros, os alberguistas, ou seja, lá como queiram chama-los fazem de bom grado, observando tudo a sua volta, sempre aprendendo e acima de tudo, revitalizando algo primordial para a convivência entre indivíduos: a troca do dom.

8. Referências

- AIOQUI, C. **Desenvolvimento do Segmento Backpacker no Brasil sob a Ótica do Marketing do Turismo**. São Paulo: [s.n.], 2005.
- ARENDT, H. **A Condição Humana**. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE ALBERGUES DA JUVENTUDE. História dos Hostels. **Associação Paulista de Albergues da Juventude**, 2013. Disponível em: <<http://www.alberguesp.com.br/historia.asp>>. Acesso em: 23 jan. 2013.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3ª. ed. São Paulo: Berthand Brasil, 2003.
- CAILLÉ, A. **Antropologia do Dom: O Terceiro Paradigma**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CASTRO, C. **Evolucionismo Cultural: Textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- COUCHSURFING. **Couchsurfing**. Disponível em: <<https://www.couchsurfing.org/n/about>>. Acesso em: 16 jul. 2013.
- DURKHEIM, É. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DURKHEIM, É. **Lições de Sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DURKHEIM, É. **Da Divisão do Trabalho Social**. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. De Outros Espaços, 2013. Disponível em: <http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html>. Acesso em: 08 ago. 2013.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GEERTZ, C. **Obras e Vidas: O antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- GOFFMAN, E. **Representações do Eu na Vida Cotidiana**. 11ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- HOSTELLING INTERNACIONAL BRASIL. Histórico e Filosofia. **Hostelling Internacional Brasil**, 2013. Disponível em: <<http://www.hihostelbrasil.com.br/historico.html>>. Acesso em: 23 jan. 2013.
- KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1989.
- LARAIA, R. D. B. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. 14ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2001.
- MAUSS, M. **Ensaio Sobre A Dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2011.

- MILLS, C. W. **A imaginação Sociológica**. 4^a. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. Relatório de Avaliação Setorial 2011, 2011. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/o_ministerio/relatorios/downloads_relatorios/RELATxRIO_D E_AVALIAxO_SETORIAL_-_ano_base_2011_-_PPA.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2013.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. Segmentação do Turismo 2. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2013.
- OLIVEIRA, R. C. D. **O trabalho do antropólogo**. 3^a. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- Plano de Gestão da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Juma. Fundação Amazonas Sustentável - FAS/ Centro Estadual de Unidades de Conservação - CEUC. Novo Aripuanã, p. 281. 2010.
- SAWAKI, E.; SAWAKI, J. F. H.; NETO, E. H. Mochileiros: Um Segmento a Ser Explorado no Brasil, Caxias do Sul, 9 jul. 2010. 15.
- UNESCO. **Representação da Unesco no Brasil**, 2013. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/>>. Acesso em: 23 jan. 2013.
- WITKOSKI, A. C. **Terras, Florestas e Águas de Trabalho: Os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais**. 2^a. ed. São Paulo: Annablume, 2010.
- YÁZIGI, E. **A Alma do Lugar**. São Paulo: Contexto, 2001.